

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

PALOMA MELLO DE MATOS

**FOLCLORE NO ESPAÇO ESCOLAR:
REFLEXÕES A PARTIR DOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIOS DO CURSO DE
ARTES VISUAIS - UNESC 2020/22**

**CRICIÚMA
2022**

PALOMA MELLO DE MATOS

**FOLCLORE NO ESPAÇO ESCOLAR:
REFLEXÕES A PARTIR DOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIOS DO CURSO DE
ARTES VISUAIS 2020/22**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva.

CRICIÚMA

2022

PALOMA MELLO DE MATOS

**FOLCLORE NO ESPAÇO ESCOLAR:
REFLEXÕES A PARTIR DOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIOS DO CURSO DE
ARTES VISUAIS - UNESC 2020/22**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 01 de dezembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Silemar Maria de Medeiros da Silva –
Mestrado em Educação - (UNESC) - Orientadora

Prof.^a Amalhene Baesso Reddig –
Mestrado em Educação - (UNESC)

Prof.^a Juliana Pereira Guimarães –
Mestrado em Educação - (UNESC)

Dedico este trabalho à minha família em agradecimento ao seu apoio e compreensão, e especialmente à minha orientadora Silemar Maria de Medeiros da Silva por não minimizar seus esforços para me ajudar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar nesse percurso. Também quero agradecer à professora e orientadora Silemar Maria de Medeiros da Silva, por estar sempre disposta a dar a mão e compartilhar seu conhecimento enquanto acreditou no potencial deste trabalho encorajando-o .

Não deixando de agradecer todos os professores que passaram por minha trajetória enquanto acadêmica do curso de Artes Visuais - Licenciatura, Unesc, principalmente a coordenadora Daniele Zacarão, pois disponibilizou o acesso aos relatórios de estágio para minha pesquisa, a professora Aurélia Honorato e a secretária do curso Franciele Bock que nunca mediram esforços para nos ajudar.

Aos meus familiares por me apoiarem nesse processo de dedicação, compromisso e disciplina.

“[...] Não se trata de ensinar folclore, mas de usá-lo onde se fizer oportuno, para que sua riqueza seja destilada na sensibilidade das novas gerações, nutrindo-as e energizando-as. [...]”

Hélio Sena

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso nomeado “Folclore no espaço escolar: reflexões a partir dos relatórios de estágios do curso de Artes Visuais 2020/22”, tem como objetivo evidenciar como o folclore e a cultura popular estão sendo trabalhados ou não no espaço escolar, possibilitando diálogos sobre o tema. Trago como linha de pesquisa a Educação e Arte, tratando-se de uma pesquisa básica de cunho bibliográfica, enquanto propõe uma pesquisa documental. A pesquisa foi categorizada pela análise dos projetos de estágios como conteúdo quantitativo em seu primeiro momento para então pensá-los qualitativamente, favorecendo a análise dos dados levantados. Buscando, assim, fomentar a reflexão da importância do folclore e cultura popular no espaço escolar. Considerando a análise dos relatórios já citados, propondo diálogos com corpo teórico pertinente: cito Franklin e Aguiar (2018), Martins, Carrano (2011), Martins, Picosque e Guerra (2010), entre outros. Abordando questões também a partir da BNCC (BRASIL, 2018), a pesquisa documental organiza-se inspirada nas seções de um catálogo de um projeto artístico curatorial organizado por Claudia Zimmer e Daniele Zacarão. A inspiração nessas seções E, “a espreita de um pensamento deleuziano, que propõe deixarmos a separação excludente do ‘isso ou aquilo’ (2022). Evidencia como problema: Como o folclore é evidenciado nos projetos de estágio dos acadêmicos do Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC entre o ano de 2020 a 2022? Entendendo a reflexão como sua maior relevância.

Palavras-chave: Folclore; cultura popular; professor de arte; ensino da arte; estágio supervisionado.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Solicitação de permissão para o acesso aos Relatórios de Estágios	15
Figura 2 - Acesso liberado aos relatórios	16
Figura 3 - Cena do “Curta Folclore”	20
Figura 4 - Jogando Mora, 1982	25
Figura 5 - Pintura	26
Figura 6 - Poesia e força dos cosmos	27
Figura 7 - Seção E	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Educação Infantil	45
Gráfico 2 - Fundamental I	47
Gráfico 3 - Fundamental II	49
Gráfico 4 - Ensino Médio	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNC	Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
CP	Código Penal
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
SC	Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS	13
1.2 DIÁLOGOS TEÓRICOS	17
2 CURTA FOLCLORE	20
2.1 FOLCLORE E CULTURA POPULAR: QUE HISTÓRIA É ESSA?	24
2.2 FOLCLORE E CULTURA POPULAR: PENSANDO O ESPAÇO ESCOLAR	29
3 FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O ENSINO DA ARTE	33
3.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO CAMPO DE CONHECIMENTO	40
4 O CONTEXTO EM DIÁLOGO COM AS SEÇÕES E	44
4.1 SEÇÃO ENSAIO: PRESENÇAS E AUSÊNCIAS	44
4.2 SEÇÃO ESTÓRIA	46
4.3 SEÇÃO ESCOLA DE ARTISTAS	48
4.4 SEÇÃO EXPOSIÇÃO DE NET ART	51
4.5 SEÇÃO ENCONTROS	53
4.6 SEÇÃO EXCLUIR	54
6 PROPOSTA DE CURSO	56
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

Qual o tema para meu trabalho de conclusão de curso? Esta pergunta é a que se costuma fazer durante o percurso da graduação, até que algo que nos instiga, nos provoca, vai se materializando em um problema de pesquisa. Neste meu percurso, o folclore se faz como tema, pois, ao considerar o folclore em relação à educação do ensino da arte, tenho percebido uma certa ausência dele no espaço escolar. Atualmente estou atuando como professora de Artes¹, ainda que não habilitada, assumindo a Educação infantil desde o ano passado.

As possibilidades de o professor atravessar fronteiras, enquanto professor pesquisador que cria e recria um caminho que vai ressignificando sua prática e possibilitando a ampliação de saberes de crianças e adolescentes, isto nos levará acreditar que fazer a diferença é o nosso maior desafio.

Entre as perguntas norteadoras que vou traçando para a construção desta pesquisa, pontuo: o que é folclore? O que é cultura popular? E o que é cultura? E quais as relações destes conceitos com o ensinar e aprender arte? Franklin e Aguiar (2018, p. 254), para falar de cultura, fazem referência a Stuart Hall quando argumentam que “não houve nenhuma definição única ou menos problemática de cultura”. O texto de Franklin e Aguiar (2018), nos provocam a pensar a Cultura Popular como um conceito em construção, e é nessa perspectiva que essa pesquisa caminha.

Proponho reflexões que circulam a cultura, a cultura popular e o tema folclore e sua relação com o ensinar e aprender arte, uma vez que meu campo de investigação é o próprio ensino da arte, materializado nas propostas de projetos de estágio do Curso de Artes Visuais Licenciatura, do qual estou em fase de conclusão. Me coloco aqui como acadêmica deste Curso.

A presente pesquisa tem como objetivo evidenciar o folclore e a cultura popular no âmbito escolar e possibilitar diálogos acerca desta temática. Falando em específico do papel dos professores, que é um dos caminhos desta pesquisa. Pontuo, assim, como problema: Investigar as questões que cercam o folclore e que

¹Para a disciplina escolar usarei a denominação Artes, seguindo a resolução nº 1 de 15 de maio de 2006 do Conselho Nacional de Educação. (ver resolução em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)

se fazem evidenciadas nas propostas de estágio do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc nos anos de 2020 a 2022.

Quando escrevo sobre as questões que cercam o folclore, entendo-as relacionadas a cultura popular, a qual não se desloca da cultura regional ou mesmo dessa ideia polissêmica do próprio conceito de cultura trazido na Base Nacional Comum Curricular no que tange:

O caráter polissêmico da cultura permite compreender o modo como ela se apresenta a partir de códigos de comunicação e comportamento, de símbolos e artefatos, como parte da produção, da circulação e do consumo de sistemas culturais que se manifestam na vida social. Os indivíduos estão inseridos em culturas (urbanas, rurais, eruditas, de massas, populares, regionais, locais etc.) e, dessa forma, são produtores e produto das transformações culturais e sociais de seu tempo (BRASIL, 2018, p. 566).

Remeto-me a Oliveira (2005) que cita Paulo Freire, quando o mesmo diz: “A capacidade de aprender, não apenas para adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a” (OLIVEIRA, 2005, p. 156). Nessa ideia de que carregamos nossa história, como fica o conhecimento de nossas heranças culturais se não as evidenciarmos/problematizarmos junto a nossas crianças e adolescentes?

Possuímos histórias e conhecimentos, herdados de gerações anteriores, é direito de todos ter acesso a esses saberes. Remeto-me, novamente, à Base Nacional Comum Curricular, como um documento norteador dos currículos, para assegurar esse direito, quando evidencia na terceira competência geral, que, ao concluir a Educação Básica, o aluno deve ter a capacidade de: “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2018, p. 9). Cabe à escola garantir esse direito, trazendo, também, questões que cercam o folclore e atender ao que aponta o papel da escola. A competência geral de número seis, inicia afirmando a importância de “valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais...” (ibidem), confirmando mais uma vez a relevância desta temática. Para tanto, faz-se necessário mapearmos os caminhos metodológicos e os diálogos teóricos para assegurarmos a cientificidade deste trabalho de conclusão de curso.

1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se insere na linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura e que descreve: “Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação” (UNESC, 2014, p.3).

Trata-se de uma pesquisa básica de cunho bibliográfica, enquanto propõem uma pesquisa documental a partir da análise reflexiva dos relatórios de estágio do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc, dos anos de 2020 a 2022. Nesse sentido a pesquisa documental tem como principais ações, “[...] traçar objetivos, elaborar o plano de trabalho, identificar fontes de dados e formular hipóteses a serem confirmadas ou rejeitadas ao final do trabalho” (MELLO, 2021; TUMELERO, 2019).

Como objetivo vou comungando com a busca por saber se a cultura popular está presente em sala de aula e de que forma isso acontece? Quando falamos de folclore, por exemplo, costumamos ir além de evidenciar figuras estereotipadas como a do Saci-Pererê, Boitatá, a Mula sem Cabeça ou Curupira, sem saber a relação destas figuras com nossas histórias? São perguntas que movem meu olhar investigativo na análise dos documentos, ou seja, quando analiso os relatórios que se fazem como campo de investigação.

Existem crenças, danças, comidas, lendas e imensas possibilidades de ampliarmos saberes sobre nossa própria história. Algo que me chama a atenção também é sobre o halloween², um movimento que vira uma moda, implica um comércio e vai se ampliando a relação com nossas próprias histórias. Talvez devêssemos estudar mais esse fenômeno que vem conquistando espaços em concorrência com nossas referências regionais.

Proponho uma pesquisa, tomando como campo de investigação os relatórios de estágio do Curso de Artes Visuais Licenciatura dos anos 2020 a 2022. Partindo de categorias de análise que possam auxiliar na melhor compreensão do problema de pesquisa, qual seja: Como o folclore é evidenciado nos projetos de estágio dos

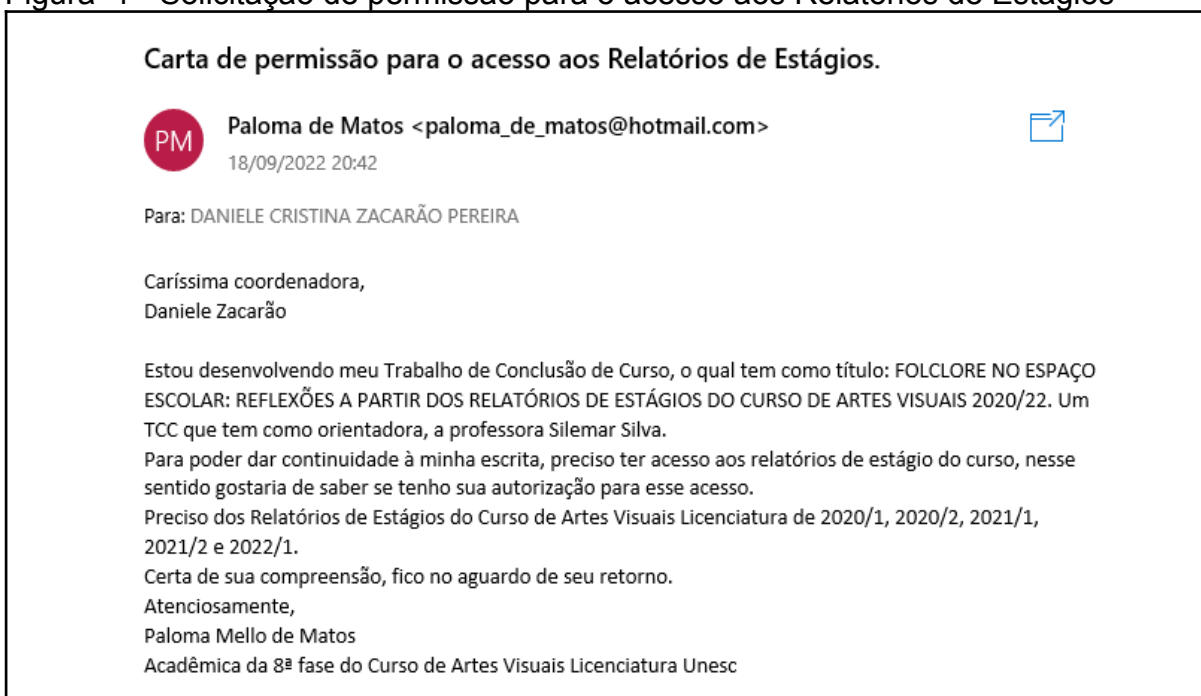
²O *Halloween*, chamado de Dia das Bruxas no Brasil, é uma festa com temas sombrios e comemorada anualmente em 31 de outubro. A cultura de celebração do Halloween é muito forte em países de língua anglo-saxônica, sobretudo nos Estados Unidos. <https://www.significados.com.br/halloween/>

acadêmicos do Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC entre o ano de 2020 a 2022?

Esta pesquisa tem o desafio de fomentar a reflexão da importância do folclore no espaço escolar. Pensar em como o professor de artes pode contribuir para que isso aconteça de forma significativa.

Para ter acesso aos relatórios de estágio, fez-se necessário a autorização da coordenação do curso, solicitei assim, por e-mail, o acesso aos relatórios do curso de Artes Visuais- Licenciatura:

Figura 1 - Solicitação de permissão para o acesso aos Relatórios de Estágios



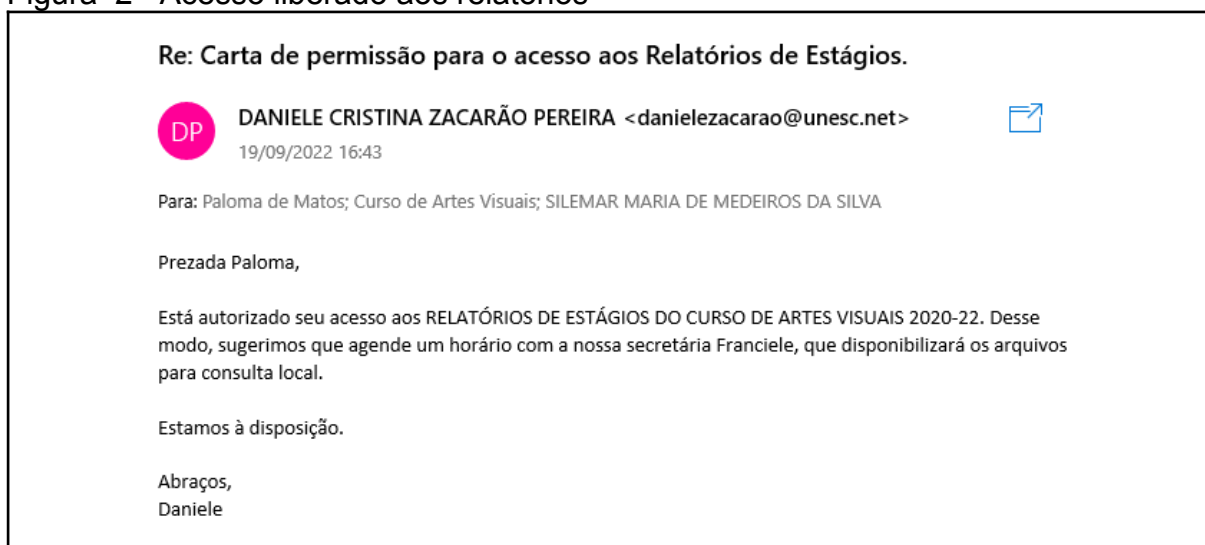
Fonte: Arquivo da pesquisadora, (2022).

Com o acesso liberado aos relatórios (figura 2), marquei horário com a secretaria do curso para que disponibilizasse os arquivos para consulta local. Foi um momento de leitura e reflexões que propiciaram melhor compreender sobre a presença ou não do folclore - evidenciando questões que o cercam - nas aulas de artes, considerando a formação de professores de arte.

Horários agendados, foram analisados 114 relatórios, sendo 49 referentes ao ano de 2020, e 41 em 2021. Analisei também os 24 relatórios de 2022 do primeiro semestre. Destes, 28 foram referentes à Educação Infantil, 28 Ensino Fundamental I, 31 Ensino Fundamental II, e ainda 27 para o Ensino Médio.

Agendo os horários, contemplando duas semanas para ler os relatórios, obtendo registros do que percebi de mais relevante para a pesquisa, tendo em vista todos os níveis de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Dividir por níveis de ensino, auxiliou para explicar melhor a montagem de gráficos por faixa etária, ajudando na organização da análise dos relatórios. Como resultado, a fim de fornecer melhor entendimento dos dados coletados diante da pesquisa, categorizei essa análise dos projetos de estágio como conteúdo quantitativo em um primeiro momento para então pensá-los qualitativamente. Esse percurso foi sendo construído para melhor proporcionar a condução dos argumentos referentes aos gráficos que elaborei, favorecendo a relação argumentativa da pesquisa com o aporte teórico pertinente.

Figura 2 - Acesso liberado aos relatórios



Fonte: Arquivo da pesquisadora, (2022).

Considerando assim, a análise dos relatórios, proponho diálogos e perspectivas inspirados nas seções, organizadas por Claudia Zimmer e Daniele Zacarão, em um catálogo que foi resultado de uma pesquisa na junção de vários textos que iniciavam com a letra E. Essas seções, propõe uma junção de textos voltado a arte, na qual, põe em pauta Ensaio, de Fabíola Scaranto, Estória, de Fernando Boppré, Escolas de artistas, de Mônica Hoff, Encontros, de Fran Favero, Exposição de Net Art, de Marina Bortoluz Polidoro e Excluir, de Caroline Saut Schroeder.

Com inspiração nessas seções, fui criando categorias de análise, uma vez que as seções citadas tratam de um desejo de dar a existência a uma publicação

com textos não necessariamente conexos mais que fossem caros aos debates contemporâneos em arte. Trazendo e possibilitando ao coletivo para propor reflexões sobre contextos, as organizadoras afirmam que: “Muito provavelmente, tenhamos sido guiadas por uma intuição, não ingênua, claro, à espreita de um pensamento deleuziano, que propõe deixarmos a separação excludente do “isso ou aquilo” para trabalharmos com os paradoxos constituintes do ‘isso e aquilo” (ZIMMER, ZACARÃO, 2022, s/n).

Aproveito para dizer que a ideia não é trazer questões sobre folclore ou cultura popular, para sim falarmos de folclore e cultura popular, tomando o isso e aquilo como um caminho a seguir.

1.2 DIÁLOGOS TEÓRICOS

A introdução desta pesquisa, envolve também as questões metodológicas e esse subcapítulo que chamo de diálogos teóricos. Nessa introdução o folclore se apresenta como tema central, ele se define como sendo um conjunto de costumes, lendas, provérbios e manifestações artísticas em geral, preservado por um povo. Seu papel veio após a guerra, por uma necessidade de consolidação e fortalecimento da paz do mundo, compreender a origem deste conceito pode nos auxiliar na compreensão de seu próprio afastamento ou necessidade de melhor evidenciá-lo na escola? Para evidenciar a relevância desta pesquisa, o diálogo se inicia com a Base Nacional Comum Curricular (2018) e a costura sobre os conceitos principais deste desafio já aponta reflexões sobre o que traz Franklin e Aguiar (2018).

O segundo capítulo, chamo de “Curta Folclore”, tomando o nome emprestado de um documentário premiado no Arte na Escola Cidadã (FOLCLORE, 2013), que evidencia uma aula de Artes que tem como fio condutor uma manifestação folclórica da região na qual os alunos estão inseridos. Não só o nome que tomo emprestado, mas a ideia do que defendo aqui, enquanto aprendiz de pesquisadora: um olhar para a cultura da região, suas lendas, seus costumes, seu folclore. Para tanto, o diálogo teórico se dá a partir do texto: A escola diante da cultura juvenil (MARTINS; CARRANO, 2011), que vem escrevendo sobre oportunizar a conhecer o hibridismo da cultura aos jovens e suas vivências artísticas para pensar esse processo de identidade cultural. Contemplo ainda como subcapítulo 2.1 do folclore e cultura

popular: que história é essa? Se conduz na perspectiva de possibilitar reflexões desse saber do povo e como vem sendo interpretado ao longo do tempo, fornecendo perspectivas de sua importância no espaço escolar. Dialogando com Franklin e Aguiar (2018), o subcapítulo 2.2 trata do folclore e cultura: pensando o espaço escolar, que abre a possibilidade de expandir nosso repertório cultural, discutindo sua influência em nossa cultura, a fim de entender culturas locais, regionais e globais, podendo analisar sua relação com o que encontro na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No terceiro capítulo proponho reflexões a partir da formação do professor e o ensino da arte tomando como fio condutor o folclore, com intuito de refletir sobre essa importância da formação para vivermos e conhecermos nossa cultura através da arte, dialogando com Martins, Picosque e Guerra (2010), em seu livro *Teoria e Prática do ensino da Arte*, tendo alguns recortes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996 e com a Base Nacional Comum Curricular, propondo questões que cercam a cultura no nosso espaço escolar (BRASIL, 1996). Assim, no subcapítulo 3.1 traz o estágio supervisionado como campo de conhecimento, tem como base tratar das vivências e experiências passadas pelo estágio obrigatório das licenciaturas, na qual para muitos são seus primeiros contatos em uma sala de aula, ampliando o diálogo com a autora Oliveira (2005).

No quarto capítulo, trago o contexto em diálogo com as Seções E de Claudia Zimmer e Daniele Zacarão, fazendo uma reflexão de textos contemporâneos relacionados a arte na qual traçam conexões na minha análise do folclore no espaço escolar. No subcapítulo 4.1, é a seção Ensaio: presenças e ausências (SCARANTO, 2022), que apresenta conexões com a análise de relatórios de estágio da Educação Infantil. No subcapítulo 4.2, é a seção Estória (BOPPRÉ, 2022), que se apresenta com a análise de relatórios de estágio no Fundamental I (BOPPRÉ, 2022). No subcapítulo 4.3, é a seção Escola de artistas que se apresenta com a análise de relatórios de estágio do Fundamental II (HOFF, 2022). No subcapítulo 4.4, é a seção Exposição de net art (POLIDORO, 2022), que se apresenta com conexões com a análise de relatórios de estágio no Ensino Médio. No subcapítulo 4.5, é a seção Encontros (FAVERO, 2022), na qual faço relações com o tema que permaneceu em todas as etapas da educação básica, sendo, brincadeiras, memórias e identidade em um processo de pensar suas vivências artísticas para um processo de identidade

cultural. No subcapítulo 4.6, é a seção Excluir (SCHROEDER, 2022), cujo a ausência de temas relevantes ao folclore e suas questões que lhe cercam pode estar sendo silenciada por nós professores e pesquisadores, um processo de desvalorização, tendo como intuito trazer por intermédio da arte, possibilidades de nos conhecer e reconhecemos novamente.

No quinto capítulo, trago o plano de curso, com a intenção de promover a compreensão e inspirar novas perspectivas aos professores que são críticos e investigativos da teoria e prática em torno do folclore e da cultura popular. Seguido pelas considerações finais da minha pesquisa e as referências.

2 CURTA FOLCLORE

Eu curto folclore, e você? Para iniciarmos essa conversa, tomo emprestado o título de um curta que assisti em uma das aulas da graduação: “CURTA FOLCLORE | XIV Prêmio Arte na Escola Cidadã³- 2013 | Ensino Fundamental 1”⁴.

Figura 3 - Cena do “Curta Folclore”



Fonte: Adaptado do Youtube Curta Folclore | XIV Prêmio Arte na Escola Cidadão, (2013).

Nesse curta, acontece a produção de um documentário e na imagem 03 podemos perceber a protagonista de uma narrativa que evidencia uma lenda da região. Um personagem construído com os alunos a partir de materiais de seu próprio universo. Em determinado momento do vídeo, o professor Alberto Rodrigues dos Santos diz que:

Lecionei aqui em 2011 e desenvolvi o curta folclore, as aulas de artes são muito focadas no resultado final e a minha intenção não era um filme acabado, pronto, mas sim que o processo mesmo de criação fosse muito mais importante do que qualquer outro tipo de produto (INSTITUTO ARTE NA ESCOLA, 2013).

Quando o professor fala do processo de criação e sua importância, está dando valor a um processo construído coletivamente e que tem uma lenda urbana

³O Instituto Arte na Escola é uma associação civil sem fins lucrativos que, desde 1989, incentiva e fortalece o ensino de Artes no Brasil, qualificando a formação de professores da Educação Básica. O Instituto articula a Rede Arte na Escola, composta por 39 universidades parceiras e instituições de ensino de todo o território nacional.

⁴Assista ao curta em <https://www.youtube.com/watch?v=t77AhNShqz4n>

como narrativa central, o que vai inspirar o próprio título de seu projeto: Curta Folclore. Através de uma análise sobre as questões locais, em uma perspectiva sobre cultura popular e lendas folclóricas, o professor faz uma proposta de curtas com o objetivo de colocar seus alunos na posição de experimentar e aprender sobre a linguagem do cinema, enquanto evidencia questões em que os alunos se identificam. Envolve as famílias, não apenas como espectadores, mas colaboradores, e os alunos como celebridades, assim evidenciado pelos sorrisos e orgulho que expressam na conclusão do curta. Um novo ponto de vista para um professor que estuda as possibilidades da arte, na esperança de inspirar e demonstrar que todos são capazes através de parcerias nunca esquecidas. Nesse sentido, comungo com o dizer de Martins, Picosque e Guerra (2010), quando as mesmas afirmam que:

Quanto mais o aprendiz tiver oportunidade de ressignificar o mundo por meio da especificidade da linguagem da arte, mais poder de percepção sensível, memória significativa e imaginação criadora ele terá para formar consciência de si mesmo e do mundo (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p. 152).

É um dos papéis do professor aproximar os alunos da arte. Mas de que arte estamos falando? Folclore ou cultura popular, cultura regional nas aulas de artes não implica dizer que isso é arte, mas pensar quando isso pode estar dialogando com a arte. Quando isso é arte? A relação da memória com a arte contemporânea é algo muito presente, assim como questões sobre identidade numa dimensão individual ou coletiva. É nessa perspectiva que proponho refletir sobre a importância de trazermos questões vivas, orgânicas e conectadas com histórias de vida, nossas origens e identidades, ou melhor, o saber do povo. Entendendo que a escola tem o papel de sistematizar o conhecimento, porque não o conhecimento popular, os saberes populares, o folclore ou cultura popular como cada um quiser e desejar chamar.

Ainda sobre o Curta Folclore, o professor faz referência às lendas. Algo semelhante ao que Franklin Cascaes (2012), um folclorista catarinense que, entre outras coisas, nos conta das crenças do povo ribeirinho da Ilha da Magia, enquanto narra suas histórias. São contos passados de geração a geração e estão lá para nos proteger dos perigos das ruas; eles são rastejantes, assustadores que se aproximam de nós à distância, uma maneira de manter a vida cotidiana de um povo simples: viva e segura.

O documentário dá visibilidade à uma relação entre o professor e os alunos que vai integrar ainda mais a comunidade com a escola, voltando o foco de volta ao professor de arte e envolvendo diferentes saberes em expressões artísticas no ambiente de aprendizagem. Esse incentivo valoriza a igualdade, a diversidade e a empatia.

Quando tomo emprestado o título do curta, me aproprio da narrativa de um roteiro que nos leva a refletir o próprio conceito do folclore e sua relação estreita com a cultura regional. Nilda Jacks (1998), afirma: "A cultura regional, entendida em um sentido amplo, abrange todos os níveis de manifestações de uma determinada região que caracterizam sua realidade sociocultural". Como resultado, a relação do aluno com sua região torna possível compreender as origens e valores que eles encontram lá, não apenas em coisas materiais, mas também em manifestações, particularmente no reconhecimento de seu próprio espaço social.

A exemplo disso, remeto-me a Jacks (1998), quando traz em seu livro *Mídia Nativa* um folclorista chamado Antônio Augusto Fagundes conhecido pela cultura gaúcha, quando o mesmo evidencia a relação entre a cultura regional e o folclore:

Por um lado, como folclorista, me compete registrar a realidade sem interferir nela. Por outro lado, e antes de ser folclorista, o que me dá uma outra vinculação [...] eu devo pugnar pelos valores tradicionais que caracterizam ideologicamente o gaúcho no RS. Então, como tradicionalista, eu tenho uma função intervencionista na cultura do RS [...] como tradicionalista eu condeno nos rodeios o uso de calça Lee e do chinelo de dedo. Como folclorista eu registro isto que está acontecendo (JACKS, 1998, p.41).

Não apenas o Rio Grande do Sul, mas também a forma como Jacks contrasta as ideologias de uma região com o folclore. Os folcloristas são livres para participar sem mudar quem são, trazendo costumes que os definem como sua própria participação, através de registros sem a intervenção. Porém como tradicionalista, "mas que nada ou quase nada permite de mutações que são intrínsecas ao folclore" (JACKS, 1998, p. 40)

Essas relações discutem processos a serem necessário maior desempenho pelo nosso espaço escolar, pois entendo que os alunos são geradores e consumidores de cultura. E porque não ampliar esse rico reconhecimento em sua identidade cultural? Uma proposta que repudia a imposição, pois a possibilidade de escolha tem a tarefa de contribuir com o espaço escolar e com a formação dos

sujeitos. Nesse sentido, comungo com o dizer de que “[..] sujeitos selecionam as diferenças com as quais querem ser reconhecidas socialmente. Isso faz com que a identidade seja muito mais uma escola do que uma imposição” (MARTINS; CARRANO, 2011, p. 44).

Possibilitando, assim, que crianças, jovens e adultos presentes desde cedo em manifestações diante da cultura local, se insiram de forma onde há reconhecimento de si para constituir seus valores. Jacks (1998), entende a cultura regional com o “[...] domínio da diferença, do que é específico de uma região” (JACKS, 1998, p. 15 e 16), enquanto cita Fadul para evidenciar a “cultura popular como uma espécie” (JACKS, 1998, p. 16).

Nessa direção, vamos trazendo a cultura regional ligada à vivência cotidiana, problematizando ou não o caráter de prática social do popular em uma região. Por que é viável trabalhar a cultura regional na sala de artes? A cultura juvenil precisa estar apta para a comunicação da cultura, “[...] o jovem é homogeneizado na condição de aluno que necessita responder positivamente aos padrões do ‘ser estudante’ que a instituição almeja” (MARTINS, CARRANO, 2011, p. 45). A troca de diálogo, ideias e possibilidades, representa uma proposta de conhecimento fruível. A cultura é algo que nos move, considerando nossa ação sobre ela, sobre a cultura jovem, comungo com o conceito trazido por Martins e Carrano (2011), quando a conceituam como sendo um:

[...] movimento marcado pela diversidade de culturas que expressam, os muitos grupos que compõem a teia social. Nesse contexto, compreendemos a cultura como um conjunto de contribuições, trocas simbólicas (muitas vezes conflituosas) e resistências ativas em que cada grupo se faz presente. A cultura dá lugar às culturas e essas efetivamente se hibridizam no entrelaçamento dos múltiplos sujeitos que se organizam (MARTINS; CARRANO, 2011, p.46).

Olhando para o hibridismo, trago questões acerca da cultura, no sentido de compreender que ela não se separa mais, mas sim se entrecruzam para enriquecer nossas experiências possibilitando, entre outras coisas, estreitas relações com as linguagens da Arte.

Voltando ao título deste capítulo: Curta Folclore, cada região tem suas manifestações de predomínio, possibilitando não tê-las como opostas e sim como parceiras de expressões, enriquecendo e valorizando uma a outra, sendo aberta a vários públicos. Assim, Martins e Carrano (2011), fazem referência a Canclini para

reforçar tal enredo, ou seja: “considera que a discussão das intercomunicações culturais presentes na modernidade não cabe mais na polaridade entre o culto e o popular, entre campo e a metrópole, mas na diversidade de fatores que atuam concomitantemente”. Os autores buscam possibilitar olhar as diferenças em grupos para ampliação de repertório cultural e construção de sua identidade cultural.

Poder perceber a construção dessa identidade que vai ser passada de geração em geração, valorizar seus percursos e significações ali expostas, é também o papel da escola. Martins e Carrano (2011), contribuem, com o dizer que:

Para isso, tornam-se necessários mecanismos que garantem maior visibilidade às culturas juvenis e que se instauram processos para o diálogo entre lógicas diferenciais da escola e das identidades coletivas juvenis. [...] as expectativas dos jovens com relação à vida e ao futuro não são mais as mesmas que aqueles que os seus principais representantes - os pais e professores - acreditam ser importantes para a participação em sociedade. [...] a juventude deve ser encarada com um período de construção e experimentação de possibilidades identitárias (MARTINS; CARRANO, 2011, p. 54).

Os autores nos auxiliam a compreender que muitas vezes caminhamos por lógicas diferentes das visões dos alunos, das opiniões dos jovens, ainda assim, essas diferenças servirão como futuros guardiões da nossa geração. Assim, a inserção do jovem pela e na cultura possibilita diálogos de experiências e interesses na construção de sua própria identidade. Questões estas que não diferem muito do que vivem as crianças, na sua época e no seu lugar.

2.1 FOLCLORE E CULTURA POPULAR: QUE HISTÓRIA É ESSA?

Folclore é palavra composta de folk = povo e de lore= saber, ciência; portanto, folclore quer dizer a ciência, o saber do povo (EDELWEISS, 2001. p. 17).

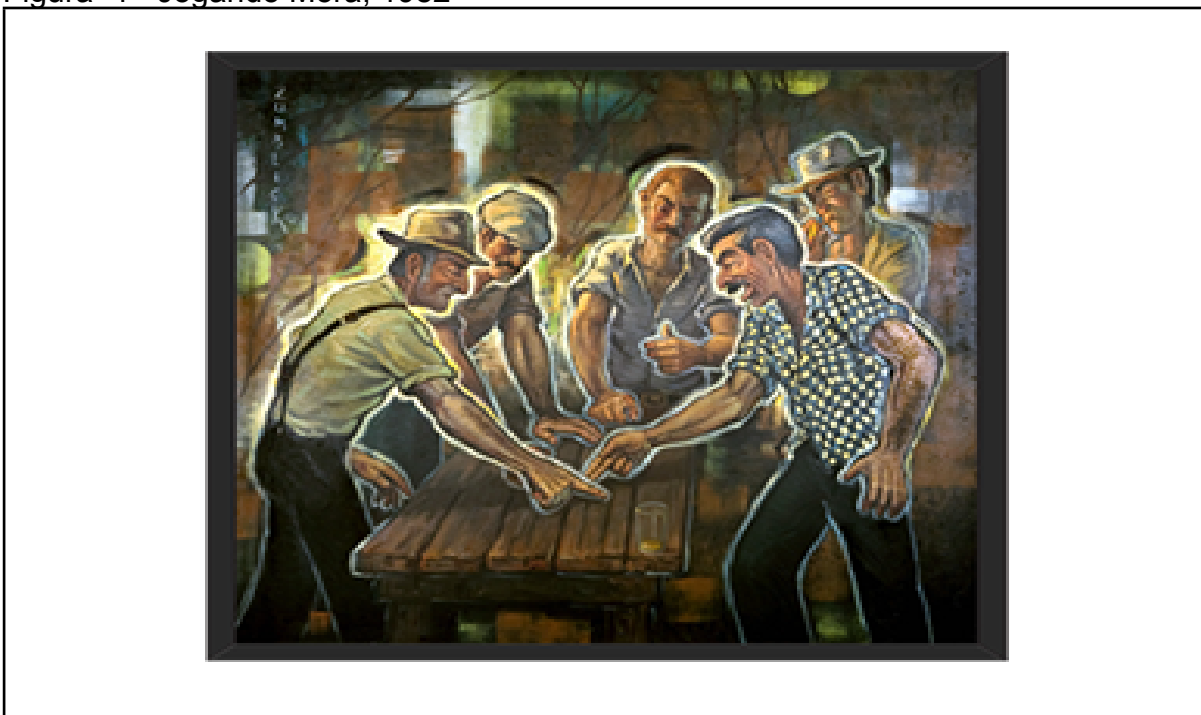
Como trazer a história do Folclore e da Cultura Popular sem pensar nas suas origens? A epígrafe acima nos diz que a palavra folclore é o saber do povo e o saber do povo está diretamente ligado à cultura popular. Mas será que isso é algo que a história vai contando de uma mesma maneira e com a mesma intenção?

Franklin e Aguiar (2018, p. 238), nos auxiliam a pensar essa história no momento em que vão evidenciando o quanto esses termos têm sido "debatidos e reinterpretados ao longo do tempo". Seus estudos revelam um percurso no qual trazem autores que sustentam cada vez mais a mutação destes conceitos, ou seja:

Sabemos que a cultura popular é algo que emana do povo, mas não se deve tomar o conceito, bastante indefinido, a partir de uma fórmula esquemática fixa e limitadora. Nesse sentido, a historiadora Martha Abreu recuperou as várias histórias que envolvem o termo, inserindo-o num regime temporal sempre mutável. Para uns, a cultura popular equivale ao folclore ou um conjunto de tradições de uma região, enquanto outros diagnosticam seu desaparecimento ante a pressão implacável da cultura de massa (rádio, televisão, cinema, etc.) (FRANKLIN; AGUIAR, 2018, p. 239).

Mesmo compreendendo que os conceitos se modificam com o tempo, proponho pensarmos sobre as questões que cercam o saber do povo e qual o papel da escola, em específico das aulas de artes com relação a esse saber? Quanto ao possível diagnóstico do desaparecimento deste saber em detrimento da cultura de massa, é algo que busco refletir na direção da importância de ampliarmos saberes sobre a cultura popular, o folclore e tudo o que diz respeito ao que aprendemos de geração em geração e que muitos destes saberes, os livros não nos contam.

Figura 4 - Jogando Mora, 1982



Fonte: Adaptado de Espaço Arte Catarinense, (s.d).

Na obra de Willy Zumblick (imagem 04), podemos ver um movimento de um jogo popular, uma tradição com origem italiana que veio para o Brasil pelos imigrantes e é passado de geração em geração, fazendo parte de nossas manifestações folclóricas. O artista faz deste jogo, o tema de sua pintura, materializando uma brincadeira para nos auxiliar a não esquecermos dela. Zumblick

é um artista que buscou nas manifestações do povo catarinense os temas de suas pinturas, a exemplo de outros artistas como Vera Sabino (figura 5). Esta, uma artista que evidencia histórias que ouviu quando criança: as bruxas de Cascaes, as histórias da ilha, os santos, as igrejas, as flores e as figuras femininas, registrando lendas e representações em suas obras, divulgando as crendices populares que vai conhecendo desde pequena.

Figura 5 - Pintura



Fonte: HOME - Vera Sabino Artista Plástica

Também posso citar o pintor Meyer Filho (figura 6), que é conhecido por não retratar a realidade em suas obras contemporâneas. Meyer Filho usou a imaginação para criar invenções e inversões surpreendentes, incluindo as origens da botânica, zoologia, agricultura, astronomia, história da arte e mineração. Há também diálogo com estudos regionais e antropológicos, trazendo referências da Ilha de SC e sua cultura popular, como podemos ver na obra “Poesia e força dos cosmos” (figura 6).

Quantos artistas evidenciam temas folclóricos ou a cultura regional? Zumblick, Vera Sabino e Meyer Filho são apenas alguns deles. Podemos citar também o cinema, que para além das pinturas tradicionais das artes visuais, podem vir para sala de aula como objeto estético a serem analisados, problematizados e ir costurando novas narrativas a partir do que os alunos possam trazer. O próprio

Curta Folclore é exemplo disso. Cidade Invisível (2021), uma série da Netflix que evidencia o folclore brasileiro é também um bom exemplo, assim como o filme Tapete Vermelho (2006) com direção de Luiz Alberto Pereira, entre tantas outras referências que podemos citar.

Figura 6 - Poesia e força dos cosmos



Fonte: Adaptado do Instituto Meyer Filho, (s.d).

Câmara Cascudo (2012), um narrador do folclore brasileiro, entende que tanto folclore quanto cultura popular estão na mesma linha de pensamento, pois, para ele:

Folclore - É a cultura popular, tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação emocional, além do ângulo do funcionamento racional. [...] O folclore estuda a solução popular na vida em sociedade (CASCUDO, 2012, p. 400).

É uma perspectiva um pouco diferente em relação ao que evidencia Franklin e Aguiar (2018), quando cuidam dos conceitos no seu percurso histórico evidenciando em tempos e lugares diferentes. Esses autores relacionam a história contada pelo povo como uma tradição nacional, quando falam do romantismo, enquanto expressão da modernidade cultural, ainda que em forma de questionamento. Assim, evidenciam as mudanças do conceito dentro da história, como por exemplo ao falar dos românticos quando dizem; “A valorização do prosaico e do que seria representativo de um país passava pelo folclore e a arte popular, esferas onde a

‘alma nacional’ estavam preservadas das mudanças ininterruptas da modernidade” (FRANKLIN, AGUIAR, 2018, p. 240).

Um método de recordação de memórias e experiências reflexivas possibilitadas pela busca dos românticos pelo autoconhecimento através da cultura popular, justificaria essa noção de “alma nacional”. O núcleo da nação é rico com significados para pensar, sentir e reinventar-se à contextos culturais brasileiros e identidade cultural, muitas vezes essa identidade é forjada. Por causa disso, uma maneira de pensar sobre a identidade nacional é considerar o indianismo, que é uma maneira de valorizar o índio como um símbolo nacional, pois ele representa a nossa nacionalidade em termos de idealização, coragem, pureza e honra.

Pensando nesse contexto, retrato o nascimento do romantismo no Brasil, reconhecendo suas raízes para o país, tornando o índio como um herói nas páginas de romance e nos processos de escrita do período. A escrita era sobre a vida de forma poética, inspirado na intimidade com a floresta ou o campo, trazendo como referência o livro *Iracema* de José de Alencar para melhor traçar uma identidade nacional, pois faz a relação do romance idealizado para defender o território brasileiro.

Como afirma Câmara Cascudo (2012), às possibilidades de nacionalidade estão latentes, pois:

[...]creio na existência dual da cultura entre todos os povos. Em qualquer deles haverá uma cultura sagrada, hierárquica, venerada, reservada para iniciação, e a cultura popular, aberta a transmissão oral e coletiva, estórias e acessos às técnicas habituais do grupo, destinada à manutenção dos usos e costumes no plano diário (2012, p. 401)

Folclore e a cultura popular, arrisco dizer que, são conceitos que andam juntos na sua contextualização, sendo que o folclore ele é mais próximo a um povo, “assim me contaram! Assim vos contei!” (CASCUDO, 2012, p.15), operando em cima da valorização da alma do povo simples, presente e fiel, uma forma que legitima as suas credences locais. A cultura popular que é mais aberta ao coletivo, de forma ampla, determina uma nação, com manifestações em “[...] destinação sentimental marcando entre o sucessivo” (CASCUDO, 2012, p. 16). Para Edelweiss (2001), “o folclore, sendo uma ciência, estuda práticas e fatos que, cientificamente, podem ser defensáveis. Um modo de vida mais presente, no qual diz respeito aos costumes populares, que reflete a grandes momentos. Os autores, trazem na defensiva a

perspectiva de “uma cultura organicamente enraizada na topografia, nos costumes e nas comunidades da tradução nativa local” (FRANKLIN; AGUIAR, 2018, p. 240).

O gosto pelo popular, tomou importância no século XIX, era ali que “estava evidenciada a tentativa de localização e identificação do ser mesclado com a natureza, aparecia genuinamente nacional” (FRANKLIN; AGUIAR, 2018, p. 240). Essa proposta seguia a esfera do ser nacional, com ações afetivas e efetivas de uma comunidade, trazendo memórias, identidade e patrimônio ao marco de pertencimento.

O movimento Romântico, responsável pela descoberta do povo em conjunto com o grande guardião da memória, era uma “Associação entre poesia e povo” (FRANKLIN; AGUIAR, 2018, p. 247). Uma busca não apenas por pessoas, mas sim pessoas que se sentisse livre para se expressar, com trocas de diálogos e fazeres artísticos.

O homem da terra e o culto à natureza, oriundo do pensamento romântico europeu, se opunham ao caráter cada vez mais opressor da sociedade industrial-capitalista, uma fuga do ambiente sombrio dos grandes conglomerados urbanos, e a busca do reencontro consigo mesmo (FRANKLIN; AGUIAR, 2018, p. 240).

Essa busca, esse reencontro consigo mesmo tem uma relação direta com nossa maneira de ser e de viver. Com questões culturais que nos cercam, no sentido de reconhecimento, pertencimento, reconhecendo nossa história como um bem comum que precisamos conhecer por direito. Nesse sentido, proponho um pensar sobre os saberes do povo em uma relação estreita com o espaço escolar, entendendo o papel da escola como sendo o de sistematizar conhecimentos e saberes diversos.

2.2 FOLCLORE E CULTURA POPULAR: PENSANDO O ESPAÇO ESCOLAR

Buscar reflexões acerca da relação do folclore e cultura popular com o espaço escolar nos dias atuais, nessa proposta, é mais um desafio. Compreender a influência da cultura popular e do folclore, repensando a própria cultura de massa tão presente em nosso cotidiano e que ameaça o que nos identifica individual e coletivamente, é realmente um desafio.

Pensar uma escola que considera suas raízes unindo professor/aluno, escola/comunidade, cultura/arte e, contudo, toda a educação, de modo que considera conhecermos o outro, dando visibilidade à identidades pessoais e coletivas, não pode deixar de contemplar o saber do povo. Considerando assim, memórias de um povo, possibilitar olhares do estudante a partir da cultura popular, do folclore e sua relação com a arte. Penso que para dar espaço a esse movimento folclórico no âmbito escolar, é preciso ter experiência, ter vivido, possibilitar a interação entre gerações, se fazer professor pesquisador e estudar a arte na sua relação com a vida, com a memória e com os saberes do povo. Considerar que arte é conhecimento de si, do outro e do mundo, conhecimento sensível e artístico, vão gerar novos modos de ver e de sentir.

Esta jornada nos leva a considerar a existência de tais manifestações em ambientes educacionais, permitindo-nos reconhecer como a valorização de coisas que não são brasileiras nos restringe, e poder identificar esse caminho para reorientar a educação no olhar artístico brasileiro, reconhecendo o que está presente em nossa volta. Pois, é direito do aluno e dever da escola estar ciente desse processo:

Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (BRASIL, 2018, p. 19)

Como é seu direito, os alunos devem ter acesso a material relevante para suas práticas de estudo, a fim de entender culturas locais, regionais e globais. No entanto, eles precisam entender e conhecer primeiramente a sua cultura local e regional para então poder conhecer novas. Porque é onde se vive e cria seus laços afetivos, tornando possível valorizar a cultura local, expressando assim, vários meios para que a próxima geração possa entender o significado dessa troca de ideias desde novo, e aos poucos conseguir passar de geração para geração, com pessoas cada vez mais inserido em sua identidade cultural. O que caracteriza o folclore de sua região? Quais as lendas urbanas que fazem parte da história de seu lugar? O que contam os mais velhos? Quais os saberes de seus familiares? Quais os chás? As brincadeiras de crianças? Os ditos populares que você conhece? Os

personagens que mais te assustam ou te encantam? Você tem medo de que? Quais as danças, as festas populares ou credices de seu lugar? Quais os sabores que fazem parte de sua vida? Já pensou em como a memória se faz presente nas produções artísticas de muitos artistas contemporâneos? Essas memórias contam de vida e aproximam a arte da vida. Muitos artistas evidenciam o folclore em suas produções artísticas, como já vimos no capítulo anterior. E você? De que parte deste folclore você lembra? Você conhece as carrancas? Recentemente, na 13ª Bienal do Mercosul estavam expostas uma série de carrancas pintadas de preto, colocadas em uma forma circular sobre um piso coberto de sal grosso, uma alusão à proteção à maldade que paira no ar, muitas vezes no olhar do outro. Trata-se de uma obra do artista Pedro Carneiro, o qual apresenta carrancas que remetem à escravizados que se rebelaram em 1833 na região de Carrancas, em Minas Gerais.⁵

São muitas as perguntas que se propõe mover nosso pensamento, contudo, o aluno tem o direito não apenas de saber de onde vem uma brincadeira, uma música, uma obra ou um filme, mas de passar pela experiência de conhecer. Como resultado, o aluno entra em contato com sua identidade cultural através de sua escola, que tem o papel de sistematizar o conhecimento partindo do que nos pertence, nossa própria história. Possibilitando a participação de eventos como saraus, feiras, exposições, galerias e outros eventos, podendo incentivá-los a querer estar mais perto dessa conversa e manter essa conexão ao longo do tempo, colocando-se em uma posição de responsabilidade e organização ou mesmo de pertencimento, que é o que mais importa.

O saber de nossa própria história vai se ampliando ao olhar para outras culturas, o que se faz tão importante quanto. Encontro na Base Nacional Comum Curricular, um pouco do que defendo aqui, ou seja:

[...] deve incluir também o fomento a inovações e a disseminação de casos de sucesso; o apoio a experiências curriculares inovadoras; a criação de oportunidades de acesso a conhecimentos e experiências de outros países; e, ainda, o fomento de estudos e pesquisas sobre currículos e temas afins (BRASIL, 2018, p. 21).

Quando se considera conhecer culturas diferentes, conceitos e semelhanças, a escola precisa estar aberta para oferecer oportunidades e apoio para o professor,

⁵<https://www.correiodopovo.com.br/arteagenda/bienal-do-mercosul-questionar-e-pensar-a-atualidade-1.903791>

apoiar e incentivar intervenções artísticas inovadoras que colocam foco em nosso folclore e a cultura local e regional, possibilitando cada vez mais que uma criança cresça entendendo e defendendo suas origens. Esses processos são extremamente importantes, falo aqui do repertório cultural, da memória vida de pessoas da comunidade, da relação com o artista, com o artesão, com crianças, adolescentes e adultos, todos ampliando repertórios artísticos e culturais, entendendo e valorizando a arte a partir do seu lugar, da sua história, de suas crenças e, suas memórias.

Quando falo da escola, do folclore, da cultura popular, das memórias, do lugar, da região que cerca a escola e os sujeitos que dela fazem parte, vou acentuando a importância da arte nesse processo de ressignificação de nossa própria existência no mundo. Proponho ampliar essas reflexões, evidenciando a importância da formação do professor, em específico do professor de Artes, pois é desse lugar de que falo, ainda que como aprendiz de professora de Artes.

3 FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O ENSINO DA ARTE

A formação do professor das Artes envolve seu repertório cultural vivido. Sua formação vem caminhando em conjunto com a apropriação e a produção de Arte, com a experiência do que lhes é propiciado. Martins, Picosque e Guerra (2010), citam em seu livro Teoria e Prática do ensino da Arte, que:

A verdade é que a arte não envelhece porque o ser humano que a contempla é sempre novo, ou terá um olhar outro e estará realizando uma infinidade de leituras porque infinita é a capacidade do homem de perceber, sentir e pensar, imaginar, emocionar-se e construir significações diante das formas artísticas (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p.55).

Considero relacionar ensino e aprendizagem sobre folclore, cultura popular e cultura regional ou local, com a arte, vamos construindo significações que se sustentam com o diálogo com a história de cada lugar, de cada um. Por isso, quanto mais relevância darmos à nossa história, pensando na importância de um processo de formação que dialoga com sujeitos protagonistas de sua própria formação, sujeitos ativos que ampliam suas possibilidades de ser e de fazer-se ser professor, ser professores de Artes.

Aliás, que processo de formação estamos falando? Um processo na qual o folclore é contemplado em uma sala de aula, possibilitando o aluno a conhecer nossas raízes, o que na Base Nacional Comum Curricular, não aparece claramente, mas que podemos estabelecer relações com o que ali recebe o nome de natureza vivencial.

Integrando os conhecimentos do componente curricular. Uma vez que os conhecimentos e as experiências artísticas são constituídos por materialidades verbais e não verbais, sensíveis, corporais, visuais, plásticas e sonoras, é importante levar em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva (BRASIL, 2018, p. 195).

Essa multiplicidade na qual se constitui as experiências artísticas, está presente no momento em que a sua experiência está começando a se encaminhar por sentidos, trazendo uma elaboração pessoal de acordo com o ensino proposto pelo professor, o cultivo de criação/produção, percepção/análise, conhecimento e contextualização dessa produção de construir nossos signos do mundo artístico. Por isso, trazer o folclore em questão traz todo um lado de histórias contadas pelo povo,

pensando na subjetividade, mas trazendo o experiencial, e só assim refletindo para o vivencial, entendo que todo ensino é processo, mas a formação do professor precisa estar apta a refletir mais além do que se é exposto. Uma reflexão na qual possibilita diagnósticos mais precisos, principalmente enquanto folclore e cultura. É fundamental a figura de um professor pesquisador, andarilho de seu percurso formativo, um professor que se faz protagonista de sua própria formação.

O professor andarilho é um termo usado por Martins, Picosque e Guerra (2010, p.33), autoras que abordam questões de arte e seu ensino, evidenciam a importância das linguagens artísticas a partir da apropriação de signos, para elas: “Signo é como um colorido fio que usamos no urdimento de uma linguagem”, a arte tem signos e compreendê-los nos ajuda a compreender a própria arte. As autoras fazem referência a Charles Sanders Peirce, para evidenciar sua teoria sobre os signos:

[...] criador de uma teoria geral dos signos - a semiótica, um signo é alguma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto (ideia ou coisa) para alguém sob algum aspecto ou qualidade. Tanto a palavra quanto o desenho, o esquema, a fotografia ou a escultura de um carro não são o próprio carro. São signos dele (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2010, p. 33)

O que nos representa a figura estereotipada de personagens que justificamos como ícones do folclore brasileiro? O Saci para pintar, o Curupira ou a lara, sem contexto são apenas ilustrações vazias que preenchem tempos escolares sem o objetivo da formação do conhecimento.

Proponho pensar a formação das crianças, adolescentes e jovens em suas aulas, na perspectiva de melhor compreender qual o papel deste professor, por isto a reflexão do seu estar no mundo, ensinando a criar uma linguagem poética pessoal, ampliando o reconhecimento de sua identidade cultural. A partir disso, pode-se perceber quanto a forma do conteúdo entregue ao aluno intervém no seu modo de pensar, vejamos:

Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e apresenta à sua maneira, sob o seu ponto de vista, por meio de formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário... Nesse sentido, arte é conteúdo e forma. Ambos são inseparáveis, um não vive sem o outro, são processos simultâneos. Se o conteúdo está associado à temática, à forma está associada a marca do autor, a sua poética, seu mundo de fazer/mostrar/expressar esse conteúdo. No processo artístico, o conteúdo se dá na própria forma e esta, por sua vez, é que forma o conteúdo (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2010, p.51).

Reconheço a importância, então, da abordagem do professor de arte de sempre lutar pela excelência, propiciando ao aluno, a experiência do conteúdo e forma, enquanto análise de percepção, imaginação e repertório cultural e histórico. Pensando na valorização dos artistas locais, regionais e entre outros. Essa proposta vem ampliando as formas de trabalhar o folclore e a cultura popular, uma vez que o artista produz a partir de seu tempo e lugar. Não que isso aconteça automaticamente, mas cabe ao professor propiciar caminhos para que possamos todos estabelecer relações e buscar a significação do que se aprende, porque e para que.

Por isso, a formação do professor revela muito sobre ele ou ela, particularmente em relação com seu compromisso de oportunizar a arte para seus alunos, dando viabilidade ao cultivo de elementos e valores de um povo simples, uma forma de mostrar o folclore como um saber popular que pode se aproximar da arte enquanto conhecimento. Contudo, Martins, Picosque e Guerra (2010), trazem Deleuze para dizer que, “Nada aprendemos com aqueles que nos dizem faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem, “faça comigo””.

O olhar cuidadoso não só na interpretação, mas no saber compartilhar saberes, na busca incessante de ir além do ensinar/aprender, assim possamos refletir:

Nessa perspectiva, ensinar - que etimologicamente significa apontar signos - é deixar que o outro construa sentidos, isto é, viva a experiência e construa signos internos na busca de compreender conceitos, processos e valores. Cada aula, como um jogo de aprender e ensinar, é um instante mágico. Requer preparação e coordenação especiais, de mãos habilidosas que tocam, que apontam, que escolhem contextos significativos para o aprendiz tecer sua rede de significações (MARTINS, PICOSQUE; GUERRA, 2010, p.119).

Como falar de formação de professores e ensino da arte sem escrever sobre essas questões? Sobre o ato de ensinar, que no dizer das autoras, significa apontar signos. Um pensamento que se move na direção da criticidade, conhecendo de forma poética a história de uma obra de arte, uma música, um teatro, entre outros, possibilita sentir sensações nunca vividas antes, um livre acesso da escola para a vida, na qual lhe ensinam a vibrar junto ao fazer, fruir e retratar as experiências das formas artísticas. Assegurando a acessibilidade de proporcionar aulas criativas e de

grande relevância para a vida, pensando e colocando o aluno como protagonista de sua própria história e criação artística.

Diante disso, “Uma aprendizagem em arte só é significativa quando o objeto de conhecimento é a própria arte” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p.120). Um conhecimento que reflete sobre suas proximidades, através do uso de diversos materiais, pensando em uma arte não apenas nas instituições culturais, em espetáculos e em concerto, mas sim a arte pública, pensando principalmente manifestações populares, fazendo e valorizando o que há de melhor perto de nós mesmo, preservando o patrimônio vivo e significativo para nossa região. Tendo em vista, uma vasta alimentação visual, profunda e inquietante que alimentam nossas memórias significativas ao olhar mais sensível. Reforço assim que:

A aposta é na liberdade de professor/professores inventando a si mesmos, e seu valores em sala de aula, ao sabor da inocência de certo aprendiz, experimentando o traçado de seus próprios mapas da arte, desenhando lineamentos para percorrer lugares pouco explorados, sites valorizados, buscando trilhas e clareiras junto com seus aprendizes (MARTINS, PICOSQUE; GUERRA, 2010, p.195).

Como resultado, entende-se que aprender a arte traz o esclarecimento de melhor reflexão sobre o mundo. Não há barreiras nesta educação, em vez disso, os alunos são encorajados a criar seus próprios mundos enquanto traçam seus caminhos artísticos em constante busca do que é mais valioso em suas significações criadas ao decorrer da vida.

Portanto, reconheço que a aprendizagem se amplia a partir do saber, da curiosidade e das oportunidades que lhe é dada, o que comunga com o que traz a Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 2,

Art. 4º As competências específicas se referem a três dimensões fundamentais, as quais, de modo interdependente e sem hierarquia, se integram e se complementam na ação docente [...] II - comprometer-se com a aprendizagem dos estudantes e colocar em prática o princípio de que todos são capazes de aprender (MECNE, 2019).

Essas competências específicas, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos que podem ser aplicados à sua vida cotidiana, buscam conexões de saberes e práticas, resultando em um ensino de qualidade, pensando nas oportunidades que lhe são dadas desde o início. O professor vai assumindo seu

papel a partir do compromisso com metodologias significativas e contextualizadas, ou seja:

A compreensão dos docentes como agentes formadores de conhecimento e cultura e, como tal, da necessidade de seu acesso permanente a conhecimentos, informações, vivência e atualização cultural; e a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte, o saber e o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas (MECNE, 2019).

Durante a formação o acadêmico dos cursos de licenciatura, precisa estar em preparação para o momento do estágio obrigatório, correspondendo para o querer aprender, para ensinar, começando sua jornada nas percepções diante de um plano pedagógico, revendo seus conhecimentos, habilidades, valores e atitudes e a partir disso possibilitar as vivências contribuindo e pensando no futuro do aluno, construindo as significações próprias. Esse processo vai refletir também na sua caminhada de formação, pois é nela que iremos nos inspirar e atuar no espaço escolar, ampliando as possibilidades para termos sujeitos ativos que criam e recriam.

Observo então, arte como perspectiva e forma de transbordar nossos sentimentos assim, a partir de um conhecimento, não criar por criar e sim criar para se sentir vinculado com a nossa cultura, assumindo essa ideia de pertencimento, uma forma de troca de saberes. “A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores”, (BRASIL, 2018, p.193) é um momento do professor se permitir olhar mais atento, deixando estimular seu lado artístico e crítico, fomentando as experiências de todas as linguagens. A partir disso, precisa-se pensar em como a formação do professor tem que estar aberta a novos olhares. O documento norteador da educação, a BNCC, possibilita notarmos a relevância de ampliarmos nossa compreensão do mundo a partir de nossa própria história, ou seja:

[...] possibilitar que os estudantes construam sua identidade relacionando-se com o outro (sentido de alteridade); valorizem as suas memórias e marcas do passado vivenciadas em diferentes lugares; e, à medida que se alfabetizam, ampliem a sua compreensão do mundo (BRASIL, 2018, p.362).

Como podemos ampliar possibilidades de olhares mais sensíveis do professor de Artes sobre essa construção da identidade relacionada às memórias e marcas do passado, sem falarmos de uma cultura ligada aos seus hábitos e costumes, suas crenças e brincadeiras, ou aquelas que herdamos de geração em geração? Comungo assim, mais uma vez, com o que diz da BNCC, ou seja:

A Arte, enquanto área do conhecimento humano, contribui para o desenvolvimento da autonomia reflexiva, criativa e expressiva dos estudantes, por meio da conexão entre o pensamento, a sensibilidade, a intuição e a ludicidade. Ela é, também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito sobre si, o outro e o mundo compartilhado. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam e se interconectam, em uma perspectiva crítica, sensível e poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas (BRASIL, 2018. p. 482).

Assim como na BNCC, Martins, Picosque e Guerra (2010, p.11), evidenciam que “Arte é conhecimento” e é desta arte enquanto conhecimento que tratamos por aqui, enquanto falamos de sua relação com a cultura popular. A BNCC vai evidenciar a cultura em todas as suas dimensões, priorizando uma preocupação especial para a cultura digital, sendo que o termo folclore aparece apenas uma vez. Folclore é citado em uma das habilidades em Artes, quando fala dos aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, o que nos ajuda a compreender essa relação com a arte de que busco defender. “(EF69AR33) Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.)” (BRASIL, 2018, p. 211).

Assim, penso as diversas formas de explorar o mundo da Arte que revelam ainda mais a relação do folclore, por meio das artes visuais, dança, música e teatro, portanto, evidenciou que ele não está ali de forma específica, mais possui explorações nas diversas culturas, para um diálogo entre as diferenças. Quando busco no conceito de cultura popular, da cultura visual e seu vínculo com a presença da cultura regional nas aulas de artes, é para pensar sobre o próprio conceito de folclore que vai se dissolvendo pela história, mas ainda assim, permanece sua importância, acredito. Vejamos:

As Artes Visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades

inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas (BRASIL, 2018. p.195).

Entendemos a Arte como uma forma de trazer autenticidade em tudo à nossa volta, principalmente a cultura. Então, o objetivo central é proporcionar riquezas de experiências, entendendo-a como produção cultural e é a partir disso que se pontua a importância de aprender no interativo, social e cultural. Lembrando do Curta Folclore, que traz muito no capítulo anterior do que aqui evidenciei.

Por essa razão, a relação arte e cultura, nesse perspectiva da cultura digital, cultura regional, identidade cultura, cultura popular e, mais específico nesta pesquisa: o folclore, é nosso compromisso enquanto professores ou aprendizes de professores, pois, na Base Nacional Comum Curricular, dado que a palavra "cultura" aparece 152 vezes no documento. Assim, começo pelo campo de experiências "corpos, gestos e movimentos", com seu objetivo de aprendizagem em, "(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras" (BRASIL, 2018, p. 47). A cultura na educação infantil nos remete a pensar nas brincadeiras, sendo um exemplo clássico a amarelinha, todos conhecem essa brincadeira porém nem todos a leram em livros, a maioria herdou de diferentes gerações.

A vivência de questões culturais, como o brincar de amarelinha, nessa faixa etária, vem de modo quase espontâneo, respeitando o tempo e espaço de cada um, pois é através das brincadeiras, da experiência que buscamos adequar conhecimentos e experiências. Remeto-me ao trabalho de Ivan Cruz, um artista que retrata nas telas cenas de crianças, entre elas a brincadeira de amarelinha. Nessa direção, encontro na BNCC um dizer que:

As Artes Visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. As Artes visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas (BRASIL, 2018, p. 195)

Desse modo, garantir essa comunicação entre culturas, trazendo tempos e contextos históricos para essa hibridização, proponho contemplar diversas culturas no espaço escolar. Ampliando olhares a partir da expressão artística como característica e com o objetivo de promover a compreensão e o significado do saber do povo, pode-se assim, incentivar a continuação dessas trocas de diálogos e percepções.

Enquanto a palavra "popular" aparece no componente da dança, não posso deixar de trazer mais um recorte, no que diz que: “Eles têm, assim, a oportunidade de repensar dualidades e binômios (corpo versus mente, popular versus erudito, teoria versus prática), em favor de um conjunto híbrido e dinâmico de práticas” (BRASIL, 2018, p.195). Esse papel de criar oportunidades também surge através da dança, pois é o próprio documento que permite pensarmos sobre a problematização das diferenças, mas não de forma negativa e mais em termos de diversidade e da valorização das próprias relações entre “isso ou aquilo”.

Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte (BRASIL, 2018, p. 198).

Faço evidência a importância do hibridismo da cultura que Martins e Carrano (2011, p.37), defende, uma cultura que se complementam uma à outra, “apesar de estarem presentes no mesmo espaço, não há garantia de democratização de direitos a expressões culturais de forma igual para todos”. Por isso, é de extrema importância uma metodologia que contemple pensar esse tema, pois é no ambiente escolar que há expressões e contradições carregadas de contextos pessoais de suas próprias vivências e significações, ampliando o olhar do aluno para evitar desconsiderar perspectivas culturais, e possibilitar experiências que envolvam a percepção a partir de várias linguagens artísticas.

3.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO CAMPO DE CONHECIMENTO

A formação do professor e o ensino, tem como objetivo refletir a construção da identidade do profissional que está se encaminhando para sua atuação em sala de aula, na qual tem, já na quinta fase do curso de licenciatura, o desafio da

elaboração de um projeto de estágio. No Curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc, o curso onde me faço acadêmica, nosso estágio obrigatório é realizado individualmente e contempla a elaboração de projetos a serem desenvolvidos em sala de aula sob a supervisão de um professor de Artes, seguindo o Conselho Nacional de Educação que estabelece para a formação de professores a forma adequada para o desenvolvimento das competências profissionais, ou seja:

Art. 11. A referida carga horária dos cursos de licenciatura deve ter a seguinte distribuição: I - Grupo I: 800 (oitocentas) horas, para a base comum que compreende os conhecimentos científicos, educacionais e pedagógicos e fundamentam a educação e suas articulações com os sistemas, as escolas e as práticas educacionais. II - Grupo II: 1.600 (mil e seiscentas) horas, para a aprendizagem dos conteúdos específicos das áreas, componentes, unidades temáticas e objetos de conhecimento da BNCC, e para o domínio pedagógico desses conteúdos. III - Grupo III: 800 (oitocentas) horas, prática pedagógica, assim distribuídas: a) 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição formadora; e b) 400 (quatrocentas) horas para a prática dos componentes curriculares dos Grupos I e II, distribuídas ao longo do curso, desde o seu início, segundo o PPC da instituição formadora (MECNE, 2019)

É preciso organização e bagagem cultural, histórica na formação inicial para professores em educação básica, possibilitando que o conhecimento seja problematizado. Não deixando de considerar as competências a serem ampliadas e desenvolvidas durante o processo, auxiliando e expandindo sua experiência. Por isso, me remeto na resolução do Conselho Nacional de Educação, quando:

Uma concepção de prática mais como componente curricular implica vê-la como uma dimensão do conhecimento que tanto está presente nos cursos de formação, nos momentos em que se trabalha na reflexão sobre a atividade profissional, como durante o estágio, nos momentos em que se exercita a atividade profissional. O planejamento e a execução das práticas no estágio devem ser apoiados nas reflexões desenvolvidas nos cursos de formação. Trata-se, assim, de tarefa para toda equipe de formadores e não, apenas, para o “supervisor de estágio” (BRASIL, 2002, p. 22)

O estágio é um momento, na qual o acadêmico precisa controlar seus medos e inseguranças, a fim de pensar em uma proposta para melhor atender ao diagnóstico da turma. Uma proposta de prática educativa, tendo como desafio juntar e entender a compreensão de prática e teoria, isso remete muito às suas características como futuro professor, pois é através de sua formação de identidade profissional que você reflete sua prática, dando sentido na busca de significados

pelo ensino. Oliveira cita Pimenta, quando traz reflexões da compreensão em nossos atos pedagógicos, vejamos:

O estágio, ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto de práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá (OLIVEIRA, 2005, p. 61 e 62)

É uma forma investigativa de englobar conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenções da realidade, pensando assim na formação de acadêmicos de artes visuais, refletindo e pensando novas perspectivas para uma análise em um novo ambiente, um saber disciplinar que busca mudanças, entendendo que tudo é um processo. Contudo, “um professor não é competente porque ‘dá uma boa aula’”. Ele é competente quando consegue articular os diferentes saberes e dar significados ao que ensina” (OLIVEIRA, 2005, p. 66). Nesse sentido, nos remete a pensar na identidade profissional diante da fala de Castells, citado por Oliveira (2005), “a identidade de projeto é quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social”.

Digo isso enquanto penso sobre o desejo do profissional de se dedicar a construção de seu conhecimento e aplicá-lo significativamente na diversidade das escolas. Tendo isso em mente, a prática educacional oferece oportunidades de transformações, começando pela compreensão do nosso povo para trazer ao aluno acesso a oportunidades; “[...] que o estágio seja um momento de superação de obstáculos, de diálogo e de lições em seus fundamentos teóricos e práticos. Que cada estagiário encontre sua identidade como professor, seu jeito de caminhar na educação do ensino das Artes Visuais” (OLIVEIRA, 2005, p. 69). Uma forma de vivenciar a arte, exercitando conhecimento e saberes. É poder representar a realidade, se descobrindo em experiências e vivências do estagiário, é abrir portas para se conhecer e abrir múltiplos olhares para qualificar uma prática educativa, é saber que você tem em suas mãos o poder do diálogo, uma construção no coletivo pois, ninguém aprende sozinho.

“É justamente porque a arte mobiliza as práticas culturais, apontando para múltiplas visualidades e visibilidades do conhecimento que é necessário a vários processos” (OLIVEIRA, 2005, p. 156). Portanto, o estágio curricular, ele abrange muito mais que uma prática realizada no espaço escolar, ele possibilita o acadêmico se enxergar como professor e também, ressignificar e contextualizar um tema que lhe é proposto.

O estágio supervisionado, seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), pontua, entre outras coisas, que o estágio supervisionado envolve a integração e a aplicação do que foi aprendido no curso.

§ 3º A prática deve estar presente em todo o percurso formativo do licenciando, com a participação de toda a equipe docente da instituição formadora, devendo ser desenvolvida em uma progressão que, partindo da familiarização inicial com a atividade docente, conduza, de modo harmônico e coerente, ao estágio supervisionado, no qual a prática deverá ser engajada e incluir a mobilização, a integração e a aplicação do que foi aprendido no curso, bem como deve estar voltada para resolver os problemas e as dificuldades vivenciadas nos anos anteriores de estudo e pesquisa (MECNE, 2019)

Considerando essa premissa, de que os projetos de estágios pontuam questões apreendidas no curso, proponho como campo de investigação a análise dos projetos de estágios do Curso de Artes Visuais Unesc para assim analisarmos e questionarmos quantitativamente para pensá-los como qualitativamente, assim evidenciarmos melhor a percepção dos 114 relatórios de estágios, tendo em mente que muitos falam sobre cultura popular, e até o folclore mas não citam a palavra, percebo pelos temas ali abordados. A pesquisa iniciou pela Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II e por último Ensino Médio, o que evidencia o próximo capítulo.

4 O CONTEXTO EM DIÁLOGO COM AS SEÇÕES E

O contexto analisado nesta pesquisa, contempla os 114 projetos de estágio do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc nos períodos entre os anos 2020 e 2022. Trata-se de uma pesquisa documental, a qual organiza-se inspirada nas seções de um catálogo de um projeto artístico curatorial organizado por Claudia Zimmer e Daniele Zacarão (Figura 7). A inspiração nessas seções E, “a espreita de um pensamento deleuziano, que propõe deixarmos a separação excludente do ‘isso ou aquilo’ (ZIMMER; ZACARÃO, 2022). Evidencia como problema: Como o folclore é evidenciado nos projetos de estágio dos acadêmicos do Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC entre o ano de 2020 a 2022? Trata-se de um exercício de busca e significado que enquanto trata do tema aqui abordado, ou seja: o folclore e a cultura popular, me possibilitou saberes sobre arte, ensino da arte e ao receber o acesso aos projetos de estágio, volto ao percurso vivido como acadêmica e retomo os caminhos na formação de professora de artes a partir de experiências vividas. É a partir destas experiências que me proponho a passar pelas Seções E, como algo que não se separa do “isso ou aquilo” nesse desafio de me tornar professora pesquisadora.

Figura 7 - Seção E.



Fonte: Sala Edi Balod da Unesc segue com agenda intensa neste início de semestre

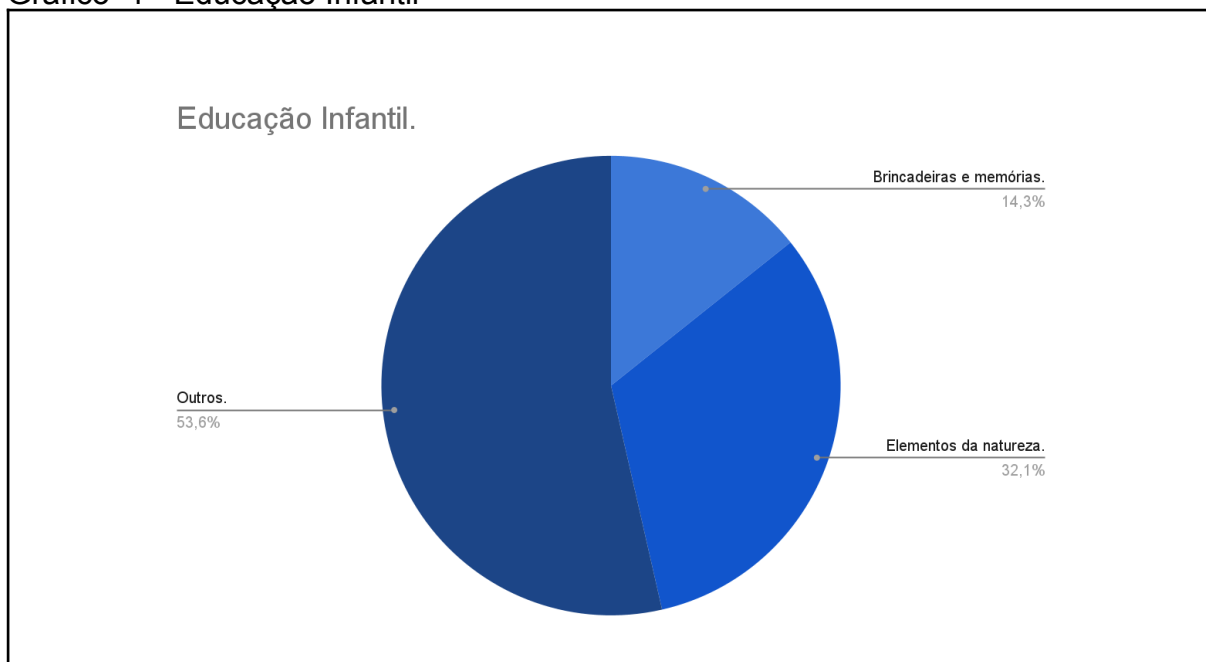
4.1 SEÇÃO ENSAIO: PRESENCAS E AUSÊNCIAS

Assim, me debrucei sobre o ensaio, entre tantos motivos, porque tem o sujeito como lugar; porque é uma escrita da experiência; porque acolhe a possibilidade do erro; porque pode ser ambíguo; porque que é experimental; porque não se compromete com nenhuma verdade em relação à sua matéria; porque não segue as regras do jogo; porque não é definitivo; porque não ocupa um lugar entre os despropósitos, porque corre riscos; porque negligencia a certeza [...] etc. (SCARANTO, 2022, p. 5 e 6).

Na Seção E, chamada Ensaio, Fabíolo Scaranto (2022), apresenta algo que nos leva a pensar no quanto podemos estar suspensos, enquanto vai nos falando da fragilidade da verdade no seu ensaio sobre a poeira. A presença ou ausência de uma verdade, me levou a tomar uma decisão quando vou fazendo registros do que encontro ao ler os relatórios. Mas como apresentar esses registros? Quais vou compreender como mais relevantes? O que trazer e o que deixar para trás? Vou correr o risco de: ao levantar a poeira, deixe de ver. Assumo aqui esse desafio.

Analiso primeiramente a Educação Infantil com 28 relatórios de estágio, pontuando os dois temas mais citados e relevantes para o folclore sendo eles, brincadeiras e memórias com 4 relatórios e elementos da natureza com 9 relatórios, por último o tema “outros”, na qual pertencem os diversos temas não relevantes na minha pesquisa resultando em 15 relatórios. Observe o gráfico 1:

Gráfico 1 - Educação Infantil



Fonte: Arquivo da pesquisadora, (2022).

O tema brincadeiras e memórias possui apenas 14,3%, um percentual pequeno para o seu efeito de extensão de conhecimentos usados em brincadeiras em um mundo de se interpretar-se e reinterpretar-se, trazendo uma percepção mais próxima ao folclore brasileiro, pois quando pensamos em brincadeiras do folclore, sabemos o gostinho das memórias vividas e experimentadas, uma possibilidade de nos conhecer, expressar e relacionar tantas imagens nostálgicas de nossa infância. Nesses relatórios, encontrei-me com vários artistas brasileiros para nos referenciar e poder possibilitar há novos professores as ideias de artistas como Cândido Portinari, Ivan Cruz, Sandra Guinle, entre outros, podendo pensar nas crianças juntando arte, brincadeira e memórias, realizando um processo de valorização de pertencimento em seus primeiros contatos com a arte.

Pensando no folclore e sua valorização com elementos da natureza encontra-se com 32,1% dos relatórios, tendo um percentual melhor que o primeiro tema. Assim, ao pensar os estágios relacionados com a natureza, me fez refletir na criança tendo o contato com várias texturas sendo exploradas de diversas formas, resultando na reflexão de exploração do vivencial e de suas origens, pois, nessa direção há muitas possibilidades a serem seguida, pode ser usada por técnicas artísticas, auxiliar na imaginação e criatividade a partir do desenho, fotografias com olhares artísticos. Entendo também a possibilidade de fazer a relação com artistas como Cândido Portinari, Ivan Cruz que trabalham com obras de brincadeiras populares, podendo observar o contato com o ar puro, na rua, utilizando o vento, fazendo o improviso na criação de uma peteca com as penas da galinha, uma bolita com pedrinhas e desse modo, contemplando formas de explorar a expressividade, as experiências, a ludicidade e aos poucos irem ressignificando as aulas de artes no espaço escolar. A natureza me remete aos chás, benzeduras e quebrantos, como por exemplo as plantas que temos para espantar mal olhado ou atrair dinheiro, você já ouviu falar em alguma dessas? Não vi nesses projetos, essa relação, mas fiquei imaginando os caminhos possíveis de aproximar a realidade dos alunos à conteúdos de arte a partir da natureza. Partindo para o terceiro tema chamado “outros” com 53,6% de relatórios, na qual possuem temas diversos com os quais não consegue estabelecer relações com o tema que aqui proponho refletir, qual seja: o folclore ou a cultura popular.

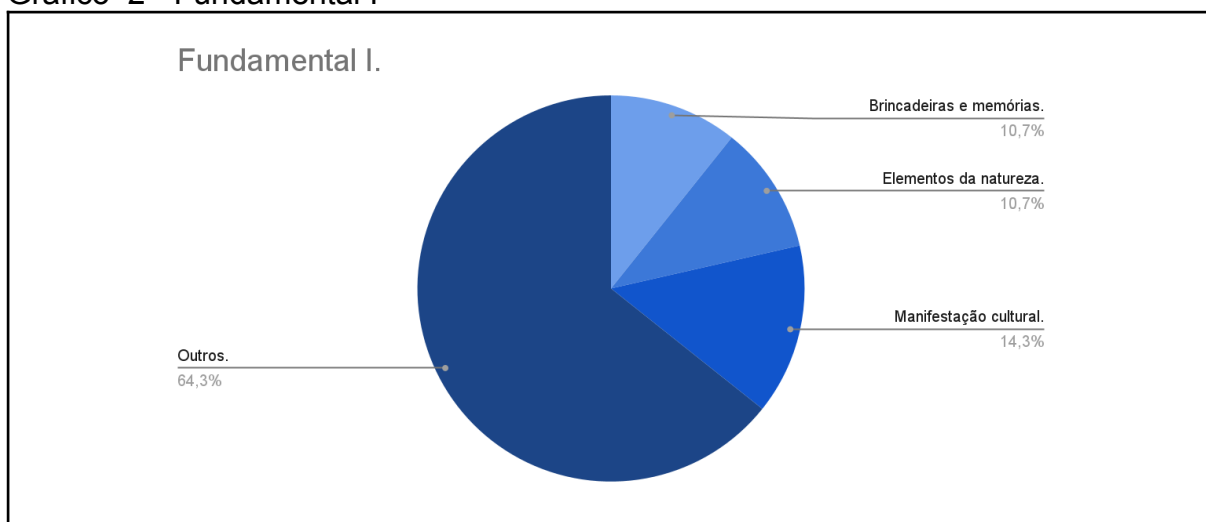
4.2 SEÇÃO ESTÓRIA

A estória tem origem popular, é criada da oralidade. Então, quem a conhece, ótimo. Guardem-na para si. Ou contém em rodas de conversa, porque é assim que ela se dispersa: como pólen. Apesar de seu caráter viral, as estórias não são algo para se acumular, como o conhecimento histórico. Elas se perdem na profusão de casos, elas tombam e desaparecem por vezes sem deixar rastros. [...] O Lugar de fala da estória é livre. Fala quem experiências têm. Portanto, todos(as) a podem desempenhar (BOPPRÉ, 2022, p. 5 e 6).

Na Seção E, chamada Estória, Boppré, (2022), traz uma reflexão sobre a história e a estória, algo que move um pensar sobre o saber do povo que se propaga e corre o risco de não deixar rastros. Ainda assim, a terminologia histórica é a que vamos contemplar por aqui, mesmo quando nossa intenção é tratar da estória trazida por Boppré (2022). Nessa direção, busco nos relatórios, evidências de como o saber do povo é considerado nos projetos de estágios aqui analisados. Mas, como veremos, não traga tudo à realidade; em vez disso, permita que suas fantasias e sonhos se tornem realidade. Liberte-se para olhar para nós até que a sensibilidade chegue em você.

A segunda etapa da análise dos relatórios, evidenciou o Fundamental I com 28 relatórios de estágio, pontuando três temas mais citados e relevantes para o folclore, sendo eles, brincadeiras e memórias com 3 relatórios, elementos da natureza com 3 relatórios e manifestação cultural com 4 relatórios, por último o tema “outros”, na qual pertencem os diversos temas - que hoje entendo como não relevantes na esta pesquisa - resultando em 18 relatórios. Observe o gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Fundamental I



Fonte: Arquivo da pesquisadora, (2022).

Encontro os temas de elementos naturais e brincadeiras e memórias, na qual o percentual foi empatado com 10,7%, não deixando de pensar nesse processo de vivenciar e reconhecer suas raízes, foram elaboradas propostas que acentuam a relação com as origens, direta ou indiretamente.

Por isso, destacar que brincadeiras e memórias nos contam histórias por trás de uma comunidade, uma família e continua por gerações, sendo representadas no espaço escolar, possibilitando e fazendo a junção de professor/aluno, escola/comunidade, cultura/arte, uma reflexão de dentro da escola para a comunidade, reconhecendo as mudanças e processos que estão sendo descaracterizados para uma forma de reaproximar um encontro entre arte e folclore.

Não deixando de pensar nos elementos da natureza que permanece vivo no olhar reeducado para possibilidades de ampliarmos olhares sobre as diferentes possibilidades da arte. Proporcionando conhecimento na valorização de artistas locais e práticas artísticas em processos de produção e apreciação em trabalhos artísticos em composição desenvolvidas a partir de texturas naturais, seguindo a linha de pesquisa no olhar investigativo da natureza como construção de arte.

Começo pelo tema de manifestação cultural sendo equivalente a 14,3%, pois, obtive maior presença do folclore, mesmo não aparecendo a palavra folclore, suas expressões culturais brasileiras estão sendo postas, aproximando-as de danças e lendas indígena regionais, fazendo uso de práticas artísticas em processos que necessitam maior preservação, na qual as lendas se fazem através de supostos fenômenos naturais, muitos acreditam e outros não, dependendo das gerações que lhe contam, talvez, “isso ou aquilo”, são percepções do que lhe é contado ou não. As danças também podem seguir rituais, sendo para cultivo de sua cultura e história, seguindo de acordo com o que cada povo acredita.

Os outros 64,3% possuem temas distantes do que proponho enquanto relação mais estreita com esta pesquisa, ou seja, buscar formas de inclusão do folclore no espaço escolar, deixando para trás nossas originalidades, principalmente de pensarmos arte enquanto manifestações e expressões culturais, tanto nacional, como regional ou local, evidenciando oportunidades de proporcionar a essas crianças, formas criativas e lúdicas do cuidado de preservar suas raízes. Afinal, como afirma Boppré (2022), a estória tem origem popular, é cria da oralidade.

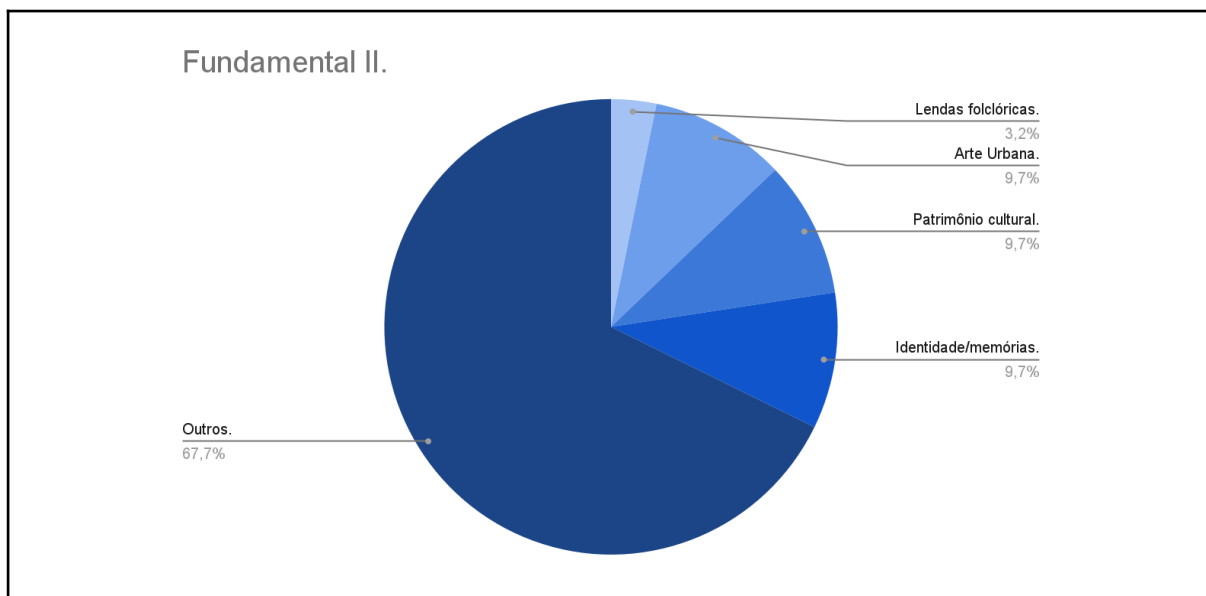
4.3 SEÇÃO ESCOLA DE ARTISTAS

Algo que podemos enxergar mais facilmente nas iniciativas contemporâneas, pois muitos buscam debater ou colocar-se neste lugar, mas que nos exige todo um deslocamento se quisermos analisar e revisar as experiências passadas, uma vez que o foco desloca-se da escola como algo construído para o processo de sua criação. Logo, para as metodologias artísticas que se convertem em pedagogias instituintes e estar em escolas (HOFF, 2022).

Na Seção E, chamada Escolas de artistas, Mônica Hoff explica o processo de desenvolvimento de escolas de artistas, ao mesmo tempo em que delinea o significado dos artistas nessa jornada de práticas pedagógicas. Fomentando em nós, a atenção, ou seja: prestar atenção nas maneiras pelas quais o aluno deve ser incluído nas escolas de artistas, bem como enxergar os artistas nas escolas básicas, e por isso transbordar experiências passadas, oferecendo caminhos para um novo olhar para as possibilidades de estudo da arte. Uma poética para se inspirar nas possibilidades.

A terceira etapa, evidenciou o Fundamental II com 31 relatórios de estágio, sendo 4 temas mais citados e relevantes para o folclore, começando por lendas folclóricas com 1 relatório, arte urbana com 3 relatórios, identidade/memórias com 3 relatórios, patrimônio cultural com 3 relatórios, enquanto 21 foram resultados do tema “outros”, na qual pertencem os diversos temas não relevantes para esta pesquisa. Observe o gráfico abaixo:

Gráfico 3 - Fundamental II



Fonte: Arquivo da pesquisadora, (2022).

Ao analisar esse gráfico referente suas conexões com o folclore, encontro a primeira proposta com 3,6% trazendo as lendas folclóricas referenciadas por Franklin Cascaes (2012), o artista que nos inspira fazendo relação com a cultura popular, lendas locais e as histórias sobre bruxas. Uma forma de inserção de lendas urbanas evidenciando na escrita uma pesquisa de lendas com seus familiares, podendo conhecer um pouco das histórias locais se fazendo oportuno através da arte. Uma porcentagem mínima, entendendo que folclore, ou a cultura popular deve estar se fazendo presente, principalmente na relação de nos reencontrarmos tanto com a família quanto em conhecimentos populares.

Um método de registrar informações locais, realizando uma pesquisa com os membros da família, permitindo que os estudantes aprendam um pouco sobre a história de sua comunidade através do processo criativo, interativo e, possivelmente, transformador. Um percentual mínimo, pois era para estar bastante presente na escola, principalmente pela união e trocas de conhecimento, unindo raízes entre professor/aluno, escola/comunidade, cultura/arte e, contudo, toda a educação, nos proporcionando relações, os reencontros, tanto com a família, quanto em conhecimentos populares, tendo esse saber do povo reconhecido pelo espaço escolar e no exercício de estreitar cada vez mais arte e vida nas aulas de arte.

O tema arte urbana com 9,7%, na qual reconhece, experiência e envolve ativamente na prática artística em sala de aula, estimula a abordar a importância e a necessidade de trazer conhecimento e apreço pela arte no ambiente urbano,

buscando melhor compreender as linguagens da arte contemporânea, como o Lambe-lambe, o Stencil, Graffiti e entre outros, reconhecendo-as como fenômenos culturais e estabelecendo relações com suas histórias e visões do mundo, aliás todos têm histórias e fazê-las serem importantes é o processo. Quais as possibilidades da arte urbana se relacionar com as questões da cultura popular ou mesmo do folclore? Arrisco afirmar que podemos encontrar muito mais possibilidades de aproximação do que de distanciamento, o que você acha?

Identidade/memórias, segundo tema com 10,3%, se faz coerente ao tema folclore, sendo que apareceu nas duas etapas anteriores, nos mostrando esse relacionar memórias partindo para um processo de construção da sua identidade cultural, papel difícil em meio há tantas modernidade, por isso, o desafio com as habilidades das linguagens artísticas e no fazer artístico relacionando por meio de suas afetividades, nutrindo de sensibilidades para com nosso lugar, na perspectiva do pertencimento ao longo de gerações. É como na Seção E, de Escola de Artistas, que traz o título para esta subcapítulo, quando Mônica Hoff fala da criação de escolas de arte ou não, para ela “a criação de escolas como um ato que carrega em si uma política, uma pedagogia e uma poética, independente de serem estas escolas de arte ou não” (HOFF, 2022, p. 15). Essa política, pedagogia e poética não se pode ou não é possível se desvincular do lugar na qual as coisas acontecem, identidade e memória estão coladas nesse lugar, nessas pessoas, certamente.

Seguindo com o tema de patrimônio cultural com 9,7%, é saber a relevância de valorizar e preservar o que há de melhor em nossa cidade, estado ou país, pois, é através da escola e da aula de artes que os alunos terão a chance de refletir sobre os locais, os monumentos e as tradições que desempenham um papel significativo em suas próprias histórias. Não deixando de pensar quando o aluno se torna ativo e protagonista na sua própria aprendizagem, a importância de se reconhecer a partir da apropriação e valorização do patrimônio cultural. O que busco evidenciar aqui é o próprio pertencimento, sem o qual nosso percurso vai acontecendo no vazio.

Os 64% restantes não serão acentuados aqui, uma vez que suas propostas se distanciam mais do tema desta análise.

Percebo que no Fundamental II, conseguimos ver uma maior presença dos temas que mais se aproximam do folclore ou da cultura popular, levando em conta a faixa etária maior, fazendo uso da arte urbana, grafite, lendas e formas de se

reconhecer como criador e apreciador de cultura, foram 10 temas voltados ao que se fazem presente no folclore e 18 com temas diversos.

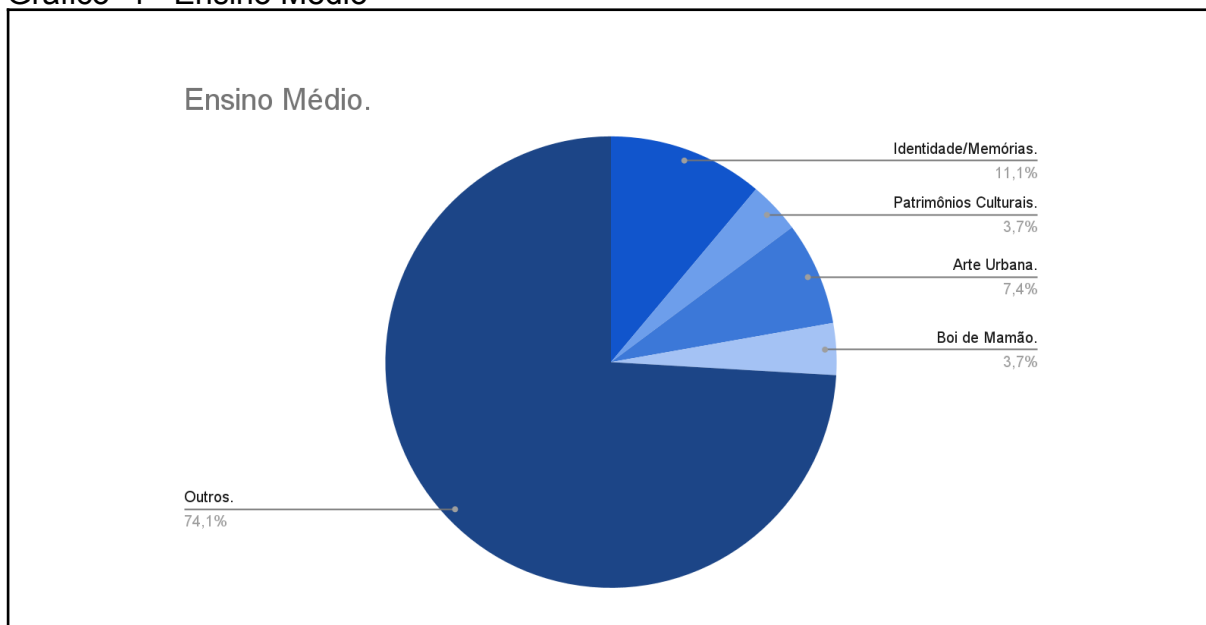
4.4 SEÇÃO EXPOSIÇÃO DE NET ART

Pode ser pensada em relação à cultura do faça-você-mesmo, fomentada pelo espírito de colaboração dos fóruns e comunidades de discussão e produção de conhecimento aberto. Tem-se, assim, a autonomia de fazer e distribuir o trabalho, que pode alcançar os receptores nos mais diversos lugares, criando outros circuitos e processos coletivos. As tecnologias não podem ser usadas de maneira ingênua, para que se possa manter espaços para experimentação, construtores de possibilidades diversas e sentidos críticos (POLIDORO, 2022, p. 9 e 10).

Na Seção E, chamada Exposição de net art, Marina Bortoluz Polidoro (2022), apresenta a arte e a internet hoje, nos possibilitando as reflexões acerca da Plataforma Verter, que vivencia estratégias criativas e coletivas de circular a arte no contexto da pandemia. Uma exposição, na qual cria novos espaços para a divulgação de arte ou quem saiba, procurar-lá, faço isso na pesquisa de examinar o folclore e suas questões que lhe cercam, pois negarmos a internet é fechar os olhos para o nosso folclore, mais exercita-lo nas premissas se faz relevantes para o espaço escolar.

Concluindo para a última etapa, o Ensino Médio, analisei 27 relatórios, os quais se subdividiram em 4 temas em relação com o folclore, arte urbana com 2 relatórios, boi de mamão com 1 relatório, identidade/memórias com 3 relatórios e patrimônios culturais com 1 relatório e o tema “outros” com 20 relatórios, na qual pertencem os diversos temas não relevantes na pesquisa. Observe o gráfico 4:

Gráfico 4 - Ensino Médio



Fonte: Arquivo da pesquisadora, (2022).

Arte Urbana, se faz pouco presente, porém fica a frente do tema sobre o boi de mamão e os patrimônios culturais com 7,4%, podendo perceber novamente a sua integração em sala de aula, enquanto busca valorizar a arte no espaço urbano perante a sociedade, possibilitando pensar em espaços e suas significações. É integrar e mostrar artistas regionais ou locais, é poder influenciar em expressões nos espaços na qual a arte se faz oportuna. São espaços de diálogos que podem trazer questões da cultura popular e temas folclóricos, não que a arte urbana seria o folclore, longe disso. O que busco aqui são as possibilidades de conexão, e no que se refere à arte urbana, vejo essas aproximações como algo necessário e bem possível.

Boi de Mamão, uma manifestação folclórica conhecida em diferentes espaços no território brasileiros, tendo apenas 3,7%, sendo a única vez citado e apenas com 1 projeto entre 27, que tem como objetivo reativar um grupo folclórico para mantê-lo ativo não apenas na escola, como na comunidade. Oportunizando e valorizando práticas diversificadas nas produções artísticas e culturais, trazendo um olhar pedagógico diante desse desenvolvimento para se cultivar não apenas em uma comunidade, pensando nas trocas conquistadas por meio dessas manifestações a partir do folclore. Vale ressaltar que na Unesc temos um projeto de extensão chamado Boi de Mamão na Comunidade, um projeto que se renova a cada dois

anos e que tem uma história que passa por diferentes gerações de alunos e, inclusive de professores.

Identidade/Memórias, um tema tão próximo para a construção de identidade cultural, sendo evidenciadas principalmente através das memórias afetivas, uma forma de busca incessante no resgate de nossas origens em um faixa etária tão desafiadora no processo de autoconhecimento, uma jornada para o alcance nessa construção e compreensão em práticas de interação social e reflexos na construção da própria identidade, resultando com apenas 11,1% de relatórios. Foi o único tema que permaneceu em todas as etapas.

Patrimônios Culturais com 3,7% também, vem com o intuito de poder ensinar desde a escola o valor de locais, monumentos e as tradições de um espaço, na qual compreende suas raízes e histórias vivenciadas por nossos antepassados, é conhecer e se reconhecer como integrante desse processo na importância dos estudos de patrimônios culturais.

Os outros, com 74% na qual resultam em 17 relatórios, nos trazem desafios enfrentados, pois é no ensino médio que estão partindo para a vida e reconhecendo ou não a arte. É o momento que eles precisam atravessar fronteiras, se compreendendo como artista que cria e recria, um resultado de suas práticas e vivências que vão ressignificando. Tendo como um desafio a ser explorado, fazendo o uso do folclore, acreditando na capacidade de termos o professor com o olhar investigativo, reconhecendo o que os alunos precisam aprender por direito. Para propor mudanças, como diz Polidoro: “em relação à cultura do faça-você-mesmo” (POLIDORO, 2022, p. 9)

4.5 SEÇÃO ENCONTROS

Nas vivências entre-fronteiras, no habitar as margens dos rios que dão corpo fluido aos limites entre países e idiomas, o ato da linguagem permite vislumbrar o caráter múltiplo do espaço fronteiriço. Por meio da língua escrita, falada e traduzida se tornam visíveis os apagamentos históricos, as disputas e os conflitos, entre tanto, as palavras também guardam a potência de construir e resgatar mundos frente à multiplicidade dos encontros (FAVERO, 2022, p.9)

Na Seção E, chamada Encontros, Fran Favero apresenta encontros entre fronteiras, culturas tão distintas mas com linhas imaginárias presente em uma criação de se perceber enquanto cidadão qual seu lugar de pertencimento. Vejamos

bem, que encontros então quero dizer diante deste subcapítulo na minha análise? Me permito explorar, um resultado da pesquisa nos relatórios de estágios do curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC, na qual brincadeiras, memórias e identidade, se manteve presente em todas as etapas da educação básica, uma forma de não deixar ausente essa relação com a disciplina de arte nas suas possíveis relações com o folclore brasileiro, ou em uma visão um pouco mais descolada deste conceito, relações com a cultura popular. Algo que nem sempre é dito diretamente, podemos pensar sobre “[...] trabalhos artísticos que acontecem a partir desses encontros” (FAVERO, 2022, p. 11). Encontros que nos integre as diversidades, as múltiplas linguagens e formas de se expressar, porém não os deixam essa relação de sentir e cultivar sua própria cultura na escuridão de ausências, aliás se não formos nós brasileiros que a valorize, quem irá?

Desse modo, a capacidade de navegar pelas possibilidades de compartilhar através da tecnologia formas de valorizar nossas origens e, obviamente, não permitir que outras culturas influenciam a maneira como nós entendemos a nós mesmos e nossas culturas, sem que possamos refletir sobre essas influências. Isso requer pensar criticamente sobre cada nível do espaço escolar, mobilizando processos para melhor compreender suas características culturais e possibilitando construir e fomentar esperanças presentes nas histórias de uma comunidade ou região. Como resultado, dar significações nesse encontro de brincadeiras e memórias, fazendo com que a identidade do aluno se torne ainda mais clara ao longo do tempo. Isso permite, direta ou indiretamente, que se abra espaço para reflexões que auxiliem que o aluno saia do ensino médio como um indivíduo autêntico que pode respeitar os outros e promover a compreensão de sua cultura.

Não poderia deixar de citar, quando Favero (2022, p.11), diz, “A memória é atualizada, recriada e tomada como força de produção poética e de criação de outras relações com este território”. No entanto, não quero ficar confinada a um determinado período do tempo. Em vez disso, quero que as pessoas entendam que a nossa memória precisa ser produzida e reescrita, nos permitindo a conhecer poéticas de histórias ou estórias, remetendo-me a Boppré (2022), talvez nunca mais ouvidas.

4.6 SEÇÃO EXCLUIR

O que nos resta do passado? Um rastro (um documento, uma imagem, um testemunho) é, ao mesmo tempo, presença e ausência, somente existe em razão de sua fragilidade (SCHROEDER, 2022, p.14).

Na Seção E, chamada Excluir, Caroline Saut Schroeder (2022), apresenta marcas e ausências de registros apagados, um reservatório de perguntas com ausências. Mas, pensando na pesquisa, o que nos resta do passado no espaço escolar? Uma pergunta na qual me deixa um pouco perplexa, tendo em vista nossas respostas diante da análise das propostas de estágio, que resultaram em percentuais mínimos sobre nossa história. Manifestação cultural com 14,3%, lendas folclóricas com 3,2%, arte urbana com 9,7%, patrimônio cultural com 9,7% e boi de mamão com 3,7%.

Ao notarmos porcentagens mínimas, me pergunto até quando nosso folclore vai viver em vestígios no espaço escolar? Quais as esperanças para essa inclusão dos nossos povos originários? Essas ausências podem nos levar a um apagamento e silenciamento de encontros, encontros na qual vai nos desfazer de recordações na qual trazem reflexões de autoconhecimento, perdendo o amor de “alma nacional”. Difícil dizer, mas sustentando a ideia de que tudo isso fomenta reflexões, apresento a proposta de um curso, como exigência deste trabalho de conclusão de curso. Esta proposta se alimenta das reflexões aqui trazidas e tem como objetivo incentivar os professores a compartilhar suas experiências e histórias pessoais sobre o currículo, buscando refletir sobre como o folclore e a cultura brasileira vem sendo trabalhada nos espaços escolares, ampliando formas de comunicação para produção de um curta metragem através de manifestações regionais e locais, fazendo o uso da tecnologia.

6 PROPOSTA DE CURSO

1. TÍTULO:

A valorização do folclore brasileiros a partir das lendas urbanas.

2. EMENTA:

Folclore brasileiro. Lendas urbanas. Apreciação e produção de curta metragem nas aulas de artes.

3. CARGA HORÁRIA:

10 horas/aula

4. PÚBLICO-ALVO:

Professores de Artes e demais interessados no tema.

5. NÚMERO DE VAGAS:

16 pessoas.

6. OBJETIVOS:

6.1 GERAL:

- Incentivar os professores a compartilhar suas experiências e histórias pessoais sobre o currículo, buscando refletir sobre como o folclore e a cultura brasileira vem sendo trabalhada nos espaços escolares, ampliando formas de comunicação para produção de um curta metragem através de manifestações regionais e locais, fazendo o uso da tecnologia.

6.2 ESPECÍFICO:

- Estimular professores a ampliarem seu conceito sobre o folclore brasileiro;
- Lembrar o fazer artístico, oportunizando se sentir novamente protagonista na criação de um curta metragem.
- Pesquisar e conhecer nossa cultura, em especial as manifestações regionais e locais, contribuindo para construção de sua identidade brasileira.

7. JUSTIFICATIVA:

O projeto de curso tem como base atender reflexões a fim de abrir novas perspectivas sobre o folclore e a cultura popular nos espaços escolares. Podendo oportunizar trocas no hibridismo de cultura aos alunos, deixando experiências e vivências artísticas jamais esquecidas, resultando no seu processo de identidade cultural. Como fio condutor trago Câmara Cascudo (2012), um historiador e folclorista para nos defender e pensar o folclore com a cultura popular em uma mesma linha de pensamento, quando o mesmo diz:

Folclore - É a cultura popular, tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação emocional, além do ângulo do funcionamento racional. [...] O folclore estuda a solução popular na vida em sociedade (2012, p. 400).

Diante dessa visão, há várias linhas de pensamentos de grandes autores, porém, na formação não venho dialogar com os diferentes caminhos e sim poder uni-los de alguma forma, assim, refletimos acerca de suas didáticas para ensinar a apreciar o folclore e cultura popular através da arte, enquanto escolha e não imposição. O dever da escola é mostrar e dar a possibilidade de interações individuais e coletivas no ensino e aprendizagem.

Desta forma, remeto-me a Martins e Carrano (2011), quando mencionam as manifestações nos espaços escolares:

A produção das identidades, além de demarcar territórios de sociabilidades e de práticas coletivas, põe em jogo interesses em comum que dão sentido

ao “estar junto” e ao ser dos grupos. Nos territórios culturais juvenis delineiam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles e elas transformar esses mesmos ambientes ressignificando-os a partir de suas específicas (MARTINS; CARRANO, 2011, p.45).

Por isso, é importante conversar com os professores de arte sobre as possibilidades de oferecer experiências aos alunos, estratégia que estimula o interesse do aluno, bem como sua autonomia de interesses e compreensão de aspectos afetivos e culturais, fazendo com que os professores sintam novamente um brilho no olhar investigativo/crítico. Além disso, a interação entre teoria e prática deve ser significativa para os alunos, demonstrando sensibilidade para o desenvolvimento de ações educativas por meios culturais.

Portanto, a troca através de referências, podem nos trazer perspectiva de conhecimento, um processo que sempre está se inovando, assim como a formação. Suas formas de aprender a ensinar, recorrendo ao inesperado, se mantendo vivo naquilo que julgamos ser velho. Salientando assim, a reflexão do professor de Artes, em seu papel de engajar e desenvolver práticas artísticas, andariando por caminhos diante de seus sentimentos, resultando no conhecimento de si próprio.

Contudo, trago como fio condutor o documentário, “CURTA FOLCLORE”, premiado no Arte na Escola Cidadã (FOLCLORE, 2013), que traça uma aula de Artes trabalhando manifestações folclóricas da região onde os alunos estão inseridos, tendo como intuito fazer o mesmo com os professores da formação, uma forma que possam se espelhar e construir o seu curta folclore a partir de lendas locais, se percebendo como aluno protagonista. Esta é uma oportunidade de ampliar o significado das conexões feitas com a vida cotidiana enriquecendo seu processo de recordação, se fazendo presente na ligação entre professor/aluno, comunidade/escola e cultura/arte.

8. METODOLOGIA E CRONOGRAMA:

Primeiro encontro - Duas horas e meia:

O primeiro encontro iremos iniciar com a apresentação de todos e em seguida poderemos dialogar sobre o que é o folclore brasileiro, pensando sua importância dele no espaço escolar. Com esse diálogo, teremos uma visão ampla das opiniões

ditas, trazendo referências como, Câmara Cascudo, Franklin Cascaes, Martins e Carrano, conversando com nosso documento norteador, que é a Base Nacional Curricular para que de modo mais teórico entendermos o que ela quer que o folclore possibilite para a construção da identidade cultural de nossos alunos.

Portanto, seguindo nossa discussão de ideias próximas ao folclore, traremos as lendas brasileiras mais conhecidas e deixar surgir de forma contada suas histórias pelos próprios convidados, enfatizando seu significado de mantê-las vivas. Como proposta, será dividido em duplas para realizarem uma ligação de memórias afetivas com folclore, dando 20 minutos para pensarem em alguma lenda ou mito contada por seus familiares e assim poder compartilhar com todos sobre suas vivências para sairmos da formação inspirados e nostálgicos da construção identitária. Como tarefa, pesquisar lendas locais para compartilhar com o grupo no próximo encontro.

Segundo encontro - Duas horas e meia:

O segundo encontro iniciará com o vídeo “CURTA FOLCLORE”, ampliando conhecimentos de todos para novas ideias virem surgindo. Seguindo assim, pensar o folclore próximo a nós, como lendas locais através de curtas como um processo de valorização entre comunidade/escola, fazendo a divisão de grupos de 4/3 pessoas para uma criação de roteiro já pensando no desafio de pesquisar detalhes para transmitir sua lenda em um curta.

Terceiro encontro - Duas horas e meia:

Nosso encontro será proposto o início das gravações do curta com roteiros já concluídos, partindo para as encenações de acordo com cada lenda, fazendo uso de vestes apropriadas para sua gravação. A escola estará disponibilizando as chaves para fazer o uso de salas específicas. Quem for terminando, poderá ir editando pelo celular ou na sala de informática.

Quarta encontro - Duas horas e meia:

Nosso quarto encontro e último encontro, será para a apresentação de nossos curtas de lendas locais, fazendo o uso do retroprojeter para assim iniciar. Ao final, com sorrisos de satisfação, iremos abrir uma conversa para falar sobre o processo, poder evidenciar possibilidades de criações locais, lembrando o brilho no olhar do professor de dar aos alunos práticas artísticas e conhecimentos nunca esquecidos.

Números de encontros:	Carga horária:	Conteúdo:	Ações, estratégias e orientações:
Encontro 1:	19:00/21:30	Folclore brasileiro.	Explorar o folclore brasileiro e suas lendas.
Encontro 2:	19:00/21:30	Lendas do folclore brasileiro.	Criação do roteiro para um curta sobre lendas locais.
Encontro 3:	19:00/21:30	Lendas do folclore brasileiro.	Início das gravações e edições do curta.
Encontro 4:	19:00/21:30	Lendas do folclore brasileiro.	Apresentação dos curtas e diálogos sobre o processo.

9. INFRAESTRUTURA E MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Computadores, retroprojeter, folhas, lápis, borracha, celulares, entre outros.

10. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2012. 271 p. ISBN 9788532806079 (broch.).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. ed. rev. São Paulo: Global, 2012. 756 p.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No meu percurso enquanto acadêmica do curso de Artes Visuais - Licenciatura, tenho em mente que meu Trabalho de Conclusão de Curso, não tem intenção de desmerecer nenhum outro tema trabalhado nas aulas de artes, mas reforço que todo aluno precisa primeiramente conhecer a cultura de sua região, juntamente com suas lendas, seus costumes e seu folclore, para então, conhecer outras. Proponho evidenciar a construção de suas próprias identidades culturais para assim melhor compreender o mundo, o outro e a si mesmo nesse contexto, ampliando olhares sobre outras culturas, outras identidades culturais.

O processo desta pesquisa foi motivado pelo desaparecimento do folclore e da cultura popular nos espaços escolares, podendo perceber uma valorização nos avanços da modernidade e de culturas europeias, da própria cultura de massa, deixando a nossa cultura brasileira e suas histórias em segundo plano. Por meio da análise, ela ganha ainda mais certeza de que as ausências persistem e nos leva a evidenciar a importância da formação continuada. Proponho assim, um curso de 10 horas para atender a professores e auxiliá-los a pensar sobre esse tema, ao mesmo tempo que proponho a produção de um curta, mesmo que um exercício rápido, mas que nos permita a experiência. Com o intuito de pensar junto com o professor a figura do aluno como protagonistas em seus processos, podendo unir a comunidade/escola, aluno/professor e arte/cultura, com efeito de problematizar o desenvolvimento de um olhar sensível, para pensar, tendo em vista, a vasta possibilidade de trabalhar o folclore e as questões que lhe cercam.

Acredito que o folclore pode estar presente em muitos momentos em sala de aula, principalmente naqueles quando ouvimos as histórias antigas da comunidade, tanto como suas superstições. Penso em trazer histórias repletas de experiências, trazer um roteiro repleto de convicções para todos terem o momento de fala, respeitando e integrando o ensino aprendizagem, possível e relevante. Por tanto, pelo valor que o folclore possui para nosso povo, confesso que a análise dos relatórios ampliou minha vontade de defender esse tema, uma vez que pouco encontrei sobre a especificidade do folclore ou cultura popular nos projetos analisados. Caminhei pelas proximidades com o tema. Quando encontro a palavra Folclore em uma habilidade na Base Nacional Comum Curricular apenas, fiquei decepcionada, pois é ele que traz nossas histórias e estórias também, tem toda uma

tradição que vem de geração a geração. Assim penso, que talvez veríamos mais sobre o folclore, principalmente em minha pesquisa de relatórios de estágio do curso de Artes Visuais entre 2020/2022, quando foi pouquíssimo citado. Nela também, descobri que o folclore e suas questões que lhe norteiam, podem ser aplicadas incorretamente porque revisitar e compreender o conhecimento de uma população requer melhor desenvolvimento e dedicação do papel do um mediador.

Contudo, venho destacar e valorizar a importância do tema que permaneceu durante todas as etapas, Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio, na qual foi brincadeiras, memórias e identidade, que vão contemplando uma na outra, conforme a faixa etária, aliás as brincadeiras folclóricas são um marco de infância, podendo lhe fazer referências nas memórias afetivas, deixadas tanto do aluno quanto da comunidade, fazendo com que isso influencie nesse processo de se conhecer e reconhecer em sua identidade cultural. Uma forma de expressar e relacionar a arte com o folclore, de poder possibilitar experiências para o encontro de várias linguagens artísticas.

O problema da pesquisa que me move, acredito que foi respondido. O percurso foi ampliando meus conceitos e me possibilitou compreender que somos herdeiros de uma história que nos permite também nos fazermos produtores dela. As Seções E, citadas, seguidas, lidas, relidas, me levaram para o diálogo direto com questões da arte, uma arte contemporânea que vem repleta de certezas enquanto fala de incertezas, que nos permite falar de “isso ou aquilo”, enquanto algo não excludente.

Diante de tantas Seções, me deparo com a Seção Excluir, na qual me permito falar sobre o desfecho de tantas ausências, com os demais relatos de apagamento e silenciamento em torno de nossa história. Vestígios do folclore e da cultura popular com porcentagens mínimas na minha análise, que servem para promover e desenvolver mais engajamento com exposições através de ensaios educacionais, proporcionadas pelos espaços escolares. Então, o diálogo e a criação de circuitos através da formação artística trazem conhecimentos do saber do povo, enquanto dialogam com sua cidade, região ou país.

O Curta Folclore, documentário que cito, enquanto peço licença para trazê-lo enquanto título de capítulo, foi algo que auxiliou a dizer de um outro modo, da importância do folclore e sua relação com as nossas crenças, nossos costumes, nossas histórias.

O percurso da leitura, das conversas nos bastidores - aquelas que tive com minha orientadora, com meus colegas de turma, com minha família ou meus amigos da escola - foram me possibilitando ir e vir nas costuras que aqui fui fazendo, costuras muitas vezes incompletas, mas que puxou um fio de uma meada que não pretendo parar de costurar.

REFERÊNCIAS

BOPPRÉ, Fernando. **Estória**. In: ZACARÃO, Daniele. ZIMMER, Claudia. Seção E. ed. Itajaí, SC. Des., 2022.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: . Acesso em: 21 ago. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação, de graduação plena. Resolução CNE/CP 1/2002**. Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2012. 271 p. ISBN 9788532806079 (broch.).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. ed. rev. São Paulo: Global, 2012. 756 p.

CIDADE Invisível. Rio de Janeiro: Netflix, P&B. 2021.

EDELWEISS, Frederico. **Apontamentos do folclore**. Salvador: Edufba, 2001. 112 p.

FOLCLORE, XIV Prêmio Arte na Escola Cidadã – 2013. **Curta Folclore. XIV Prêmio Arte na Escola Cidadã**. Ensino Fundamental 1 - YouTube. Acesso em: 09 de setembro, 2022.

FRANKLIN, Ruben Maciel; AGUIAR, Antonio Sergio Pontes. **Cultura popular, um conceito em construção: da tradição dos românticos e folcloristas à emergência política dos estudos culturais. história e cultura**, Franca, v. 7, n. 1, p. 1-20, abr. 2018.

HOFF, Mônica. **Escola de artistas**. In: ZACARÃO, Daniele. ZIMMER, Claudia. Seção E. ed. Itajaí, SC. Des., 2022.

FAVERO, Fran. **Encontros**. In: ZACARÃO, Daniele. ZIMMER, Claudia. Seção E. ed. Itajaí, SC. Des., 2022.

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA, **Prêmio Arte na Escola Cidadã**. Disponível em: <Instituto Arte na Escola> Acesso em: 01 de setembro de 2022.

JACKS, Nilda. **Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional**. Rio Grande do Sul: Ufrgs, 1998.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação (Ufsm)**,

Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 1-56, abr. 2011.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo: livro para análise do professor**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010. 206 p.

MECNE, Ministério da educação conselho nacional de educação conselho pleno. Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica**, 20 dez. 2019.

MELLO, Lydio. **O que é pesquisa documental?**. Belo Horizonte - MG, 3 jun. 2021. Disponível em: <https://biblio.direito.ufmg.br/?p=5114>. Acesso em: 2 nov. 2022.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (ed.). A formação do professor e o ensino das Artes Visuais: o estágio curricular como campo de conhecimento. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; (ed.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: Ufsm. Cap. 3. p. 1-232, 2005.

POLIDORO, Marina Bortoluz. **Exposição de net art**. In: ZACARÃO, Daniele. ZIMMER, Claudia. Seção E. ed. Itajaí, SC. Des., 2022.

SCARANTO, Fabíola. **Ensaio**. In: ZACARÃO, Daniele. ZIMMER, Claudia. Seção E. ed. Itajaí, SC. Des., 2022.

SCHROEDER, Caroline Saut. **Excluir**. In: ZACARÃO, Daniele. ZIMMER, Claudia. Seção E. ed. Itajaí, SC. Des., 2022.

TAPETE vermelho. Brasil: Luiz Alberto Pereira., 2006. (102 min.), P&B.

TUMELERO, Naina. Pesquisa documental: conceito, exemplos e passo a passo. **Mettzer**. 1 out., 2019. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/pesquisa-documental/>

UNESC, Colegiado da Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação. **Resolução n.39/2014/ Colegiado uma hce**. 2014. Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/resources/files/615/NormasTCCLicenciatura.pdf>

ZACARÃO, Daniele. ZIMMER, Claudia. **Seção E**. ed. Itajaí, SC. Des., 2022.

ZANINI, Ermelinda Azevedo Paz. **Música Folclórica e Educação**. In: Anais do XI Congresso Brasileiro de Folclore. Porto Alegre, 2000. p. 161-168.